

Revista Appai

# EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal  
Básica

9912341218/13/DR-RJ  
APPAI

... CORREIOS ...

## EMOJIS: CARAS E BOCAS NA EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO

O fenômeno da linguagem digital ultrapassa a barreira das mensagens de texto e ganha até uma versão impressa



**SAIBA POR QUE A COR DA TINTA DA CANETA USADA NA CORREÇÃO DE PROVAS AINDA CARREGA UM CONCEITO NEGATIVO POR APENAS CHAMAR A ATENÇÃO AOS ERROS**

---

**DESDE CABRAL AO COMANDO ATUAL, APESAR DOS CONTÍNUOS ESFORÇOS, A EDUCAÇÃO NO BRASIL CARECE DE COOPERAÇÃO MÚTUA PARA ATINGIR UM ENSINO IGUALITÁRIO**



Opinião

## Temas para a vida em qualquer disciplina escolar

Ketlyn Correia Garcia<sup>2</sup>

Recentemente, um caso chocou o mundo. E foi noticiado em vários canais de comunicação. Um garoto de apenas 17 anos foi vítima de *bullying* e morreu na sua sala de aula após uma sessão para tentar fazê-lo “ser homem” promovida pelos seus colegas, sem intervenção da professora. Observamos diariamente nos jornais a morte de travestis e transexuais, pessoas que são vítimas do ódio, do preconceito a diferentes identidades de gênero e sexualidade. O que nós, professoras e professores, podemos fazer a respeito disso?

A escola é o espaço institucionalizado onde as crianças passam muito tempo de suas vidas. Neste local constrói-se parte de suas identidades de gênero e sexualidade, que se baseia no binário de gênero (masculino e feminino) e na heterossexualidade. É claro que a família auxilia nesta construção, mas ela passa muito pelo espaço escolar. É fundamental que, enquanto educadores, busquemos a garantia dos direitos humanos, o respeito entre nossas diferenças. Enquanto tomamos a frente da sala de aula, assumimos uma posição de poder e isso pode e deve auxiliar na hora em que falas ou agressões surgirem neste espaço.

Falar sobre estes assuntos é delicado? Sim, muito. Inclusive para muitas pessoas que possam ler este texto, este assunto pode ser um tabu. Deixo claro, de antemão, que debater estas temáticas em sala de aula não tem como objetivo forçar nenhuma pessoa a adotar uma sexualidade ou gênero. Que isto não pretende atacar nenhuma religião ou crenças, mas que tem como patamar debater, no espaço escolar, sobre respeito. Sobre como devemos olhar para as pessoas ao nosso redor e respeitá-las, independente do seu grupo religioso, cor ou sexualidade.

Em uma conversa com a minha prima, que é mãe, ela me disse que não concordava que estes assuntos fossem debatidos na escola porque ela, enquanto mãe, conversava com suas filhas sobre essas questões. Disse a ela que era muito bom saber que ela fazia isso, mas também falei que há muitos pais que não fazem o mesmo e que na escola pode-se evitar desde cedo agressões, tanto físicas quanto psicológicas, às pessoas que são diferentes. Isto faz parte do nosso objetivo: formar cidadãs e cidadãos. Talvez, se a escola promovesse isso com mais frequência não tivéssemos tanto ódio, não é? Mas isso é só uma hipótese.

<sup>2</sup> Ketlyn Correia Garcia é licenciada em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**EXPE  
DIEN  
TE**

**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685.JP)

**Colaboração**  
Jéssica Almeida, Richard Günter, Marcela Figueiredo,  
Sandra Martins e Yasmin Gundin.

**Fotografia**  
Marcelo Ávila

**Direção de Arte**  
Marcel Schocair Costa

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 73.000 (setenta e três mil)

**Impressão e distribuição**  
Edigráfica – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

Tel.: (21) 3983-3200



## A importância das artes visuais nas escolas

Denise Fernandes Borges<sup>1</sup>

A arte está no mundo antes mesmo da escrita. Nossos antepassados se expressavam com desenhos em cavernas com intuito religioso, depois como crença de que tudo desenhado seria realizado, mas sobrou a nossa geração de belas artes rupestres para sabermos como viviam, do que se alimentavam, o que faziam, enfim tudo que conhecemos. Nos dias atuais a arte está para nós como meio de grande desenvolvimento, pois ainda continua sendo a melhor forma de expressão e conhecimento próprio. O crescimento e o desenvolvimento do educando, sob os aspectos físico, psíquico e social, devem ser considerados desde a fecundação até o seu descanso final, e esse processo não é estático, nem ocorre por retrocessos e estagnações.

Neste sentido o professor de artes é um dos responsáveis pelo sucesso do grande processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades, seus saberes práticos e teóricos em arte, encontrando uma maneira de organizar o trabalho de educação escolar que contribua nesse

rumo, e isto é um desafio para o coletivo dos professores compromissados em conseguir escolas de melhor qualidade para toda a população. Cabe ao profissional que tem a vontade de trabalhar com as artes fazer mais do que sua formação lhe proporcionou, se especializando em cursos, palestras, aumentando seu conhecimento para fazer sua aula mais atrativa e mostrando ao aluno que Artes, como as outras disciplinas, tem muito a agregar à sua cultura. Desse modo os(as) educadores(as), em primeiro lugar, precisam acreditar nos educandos, crer que eles, mesmo diante das mais diversas dificuldades, tanto de materiais como de recursos humanos, são capazes de produzir, de criar, de representar e de refletir.

Lembrando que a criança chega à escola com um grande histórico e repertório sobre a arte. Os educadores, como mediadores, aumentarão esse conhecimento por meio de novas experiências. A arte revela em cada ser humano o cognitivo e a afetividade, pois através dela se transmite o que sentimos, o que pensamos, como estamos e como anda nosso relacionamento com as pessoas ao nosso redor e com toda a sociedade. Ela, ao longo da vida, tem um papel fundamental na construção de um indivíduo crítico, fornecendo-lhe experiências que o ajudem a refletir, desenvolver valores e uma visão questionadora do mundo que o cerca.

<sup>1</sup> Denise Fernandes Borges é licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Estudante de pós-graduação em Arte e Educação pela mesma instituição.

**EXPE  
DIEN  
TE**

**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685JP)

**Colaboração**  
Jéssica Almeida, Richard Günter, Marcela Figueiredo,  
Sandra Martins e Yasmin Gundin.

**Fotografia**  
Marcelo Ávila

**Direção de Arte**  
Marcel Schocair Costa

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 73.000 (setenta e três mil)

**Impressão e distribuição**  
Edigráfica – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

E-mail: [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

Tel.: (21) 3983-3200

• Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Gestão

# QUAL A COR DA CORREÇÃO?

Especialistas comentam a importância de uma correção bem elaborada





**A** correção de provas é uma ótima oportunidade para melhorar a comunicação com os alunos. Tradicionalmente, caneta vermelha é usada para esses casos. Mas será que essa cor carrega um conceito negativo por ter sido empregada por diversas gerações de professores apenas para chamar a atenção aos erros? De acordo com especialistas, essa prática assusta e pode desenvolver no estudante uma ansiedade desnecessária, afirma Léa Depresbiteris, pedagoga especialista em avaliação.

Alguns educadores abominam a tinta vermelha na correção de tarefas devido aos velhos boletins que eram preenchidos desse modo destacando bem as notas abaixo da média, pois essa ação poderia trazer algum trauma futuro. A princípio, o assunto abordado não teria muita importância já que a relevância maior não era com a cor e sim os acertos, os erros, os caminhos que levam as crianças a descobrirem ou não os conhecimentos. Entretanto, essa não deixou de ser uma discussão interessante.

Os professores podem corrigir as avaliações dos estudantes com a caneta azul, rosa, preta, verde ou vermelha, sem esquecer, no entanto, de explicar ao aluno que não entendeu determinado assunto o porquê de a questão não estar certa. A cor da caneta é o que menos importa, ratifica o psicopedagogo Hebert Ezequiel. “Particularmente, não concordo com a teoria da caneta vermelha. Na minha época de Ensino Fundamental I, o meu boletim tinha notas escritas com as cores azuis e também vermelhas e isso não me trouxe nenhuma “sequela educacional”. Na verdade eu até gostava que isso diferenciasse minhas notas, pois assim sabia rapidamente que disciplinas deveria estudar mais”, explica.

Um elogio dado pela caneta do professor tem o seu valor, seja ela vermelha ou não. Dizeres como “excelente produção”, “boa resolução”, “como você evoluiu”, ou até mesmo as famosas estrelinhas para o ciclo infantil ainda fazem diferença para os alunos, em qualquer nível de escolarização. Os estudantes celebram e as mostram aos familiares como uma conquista. Isso faz com que eles se sintam valorizados e empolgados para investir nos estudos. Mas, de acordo com a Doutora em Educação Neury Martins, é importante deixar às claras o que está sendo elogiado e fazer com que este recurso não se restrinja àqueles que tiveram os melhores resultados.

De frente às respostas erradas e incompletas nas provas, o educador necessita sinalizar pontos úteis, que contribuam para a reflexão do estudante sobre o que foi apresentado na atividade e o que é esperado. Reproduzir apenas um “x” não favorece

com a aprendizagem. É preciso apontar o tipo de erro cometido e sinalizar pistas que orientem a turma quanto ao caminho do êxito. Assim, as anotações dos educadores devem ser simples, objetivas e de fácil compreensão tendo em vista o aluno como interlocutor. E, acredite, a qualidade desse retorno não tem a ver com a cor da caneta que você vai usar.

Mas os erros devem ser apontados na própria prova? Explicar ao aluno por que ele errou e indicar por qual caminho deveria ter desenvolvido a questão é uma parte importante da correção das avaliações. Contudo, essas anotações devem ser feitas à margem e não sobre a escrita do aluno, para que, posteriormente, a prova seja uma fonte de consulta e estudo para ele.

De acordo com Neury Martins, o professor não precisa corrigir tudo no que se refere aos aspectos linguísticos, como ortografia, acentuação, pontuação ou concordância. “Considere as aprendizagens esperadas para o

ano e para as condições de ensino e combine o que eles não podem mais errar no texto escrito. Sinalize na prova esses aspectos usando, por exemplo, legendas. Se houver questões de escrita relevantes a resolver, planeje atividades específicas para abordá-las depois. Se preciso, realize atendimentos individuais”, aponta. No caso de estudantes com resultados abaixo do esperado, essa é uma maneira de acolhê-los e orientá-los rumo a novas etapas de estudo.

Os erros de ortografia devem ser levados em consideração? Para Priscila Monteiro, Formadora do Instituto Avisa Lá e selecionadora do Prêmio Victor Civita - Educador nota 10, os professores de todas as disciplinas precisam estar atentos ao uso da norma culta, e os equívocos devem

**Os professores podem corrigir as avaliações dos estudantes com a caneta azul, rosa, preta, verde ou vermelha, sem esquecer, no entanto, de explicar ao aluno que não entendeu determinado assunto o porquê de a questão não estar certa. A cor da caneta é o que menos importa.**

Hebert Ezequiel, psicopedagogo.



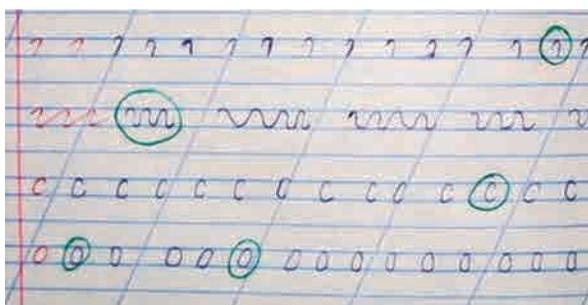
ser apontados na correção das provas, das lições de casa e de qualquer produção escrita. “Se o erro na grafia de uma ou outra palavra não interferir na exatidão dos conceitos nem provocar ambiguidade

ou imprecisão, os professores podem desconsiderá-los para os critérios de nota. Exceção para a prova de Língua Portuguesa, em que a ortografia é sempre um dos conteúdos analisados”, conclui.

## Você já ouviu falar no Método da Caneta Verde?

Vamos contar a experiência de uma mãe que decidiu mudar a técnica de educação tradicional que ressalta apenas os erros. Ela analisou na prática as consequências que isso poderia ter do ponto de vista do futuro da criança. Abaixo, segue o relato de Norah Watts, da Inglaterra.

“Minha filha quase nunca foi à escola de estímulo precoce, a pré-alfabetização. Eu mesma cuidava disso. Quando estávamos treinando a sua letra antes de começar na escola regular, este era o nosso caderno:



*O método da caneta verde tem como objetivo enaltecer os acertos do estudante e não enfatizar os erros. A ausência da caneta vermelha é primordial nessa aplicação*

Consegue ver a diferença? Eu não marcava com caneta vermelha os erros, mas destacava com verde as letras e bolinhas que tinham ficado bonitas. Ela gostava muito disso. Depois de acabar uma linha ela sempre me perguntava: mãe, qual é a mais bonita? E ficava ainda mais feliz quando eu circulava a letra mais bonita com as palavras ‘muito bem’.

A metodologia para este processo está na concentração no que foi bem executado. Experimentamos emoções completamente diferentes e, mais importante, uma atitude nova. Quer queira quer não, nosso subconsciente tende a repetir o que foi bem feito (e foi destacado). Trata-se de uma motivação interna completamente diferente: não tentamos mais evitar os erros, mas nos esforçamos para fazer as coisas bem feitas. Parece a

mesma coisa, mas existe uma mudança na estrutura do pensamento.

Mas os erros destacados influenciam a futura vida adulta? A resposta é clara: desde pequenos nos acostumamos a nos concentrar nos defeitos, no que não está correto, no que parece errado. Nos ensinam a pensar assim desde a época de escola, justamente com a caneta vermelha. Também nos orientam a agir assim dentro de casa, onde, com maior frequência, nos mostram mais o que estava errado, em vez de nos parabenizarem pelos nossos acertos.

Esse processo tende a aumentar em tudo que fazemos. Desde a infância moldamos a vida de nossos filhos com o mesmo molde que usaram conosco, e isso nem sempre é positivo. Se você colocar em prática o método da ‘caneta verde’, vai ver que, inclusive se não mostrar ao seu filho os seus erros, eles desaparecerão pouco a pouco. Ele vai tentar fazer as coisas bem feitas por vontade própria”, finaliza Norah.

Gostou da nossa sugestão, professor(a)? Que tal, agora, aplicar a correção de um trabalho com uma caneta verde, destacando somente os acertos? Provavelmente seus alunos ficarão surpreendidos! Após essa experiência, envie um e-mail para [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) contando a reação da turma. Aguardamos seu contato! Boa mudança!

■ Por Richard Günter

**Fontes:** Ministério da Educação | Gestão Escolar | Nova Escola | Incrível Club

Orientação Educacional

# DISCIPLINAS

CAN T. A. D. A. S.



---

Professores criam metodologia em que a descontração é a grande protagonista na aprendizagem

---

## Professores têm feito sucesso na sala de aula criando paródias de músicas que se tornaram *hit* entre os jovens

Imagina entrar na sala de aula e dar de cara com a Beyoncé cantando uma paródia da música “Outra Vez”, de Roberto Carlos, para ensinar a utilização dos “porquês” da língua portuguesa. Na sala de aula da professora Lorena Dourado isso é possível. No magistério em Boa Vista, Roraima, há 15 anos, ela usa paródias de músicas do “rei” Luiz Gonzaga, Reginaldo Rossi e Tom Jobim para ensinar sobre acentuação gráfica, morfologia, análise sintática, crase e pontuação.

“Eu sempre gostei de fazer coisas diferentes, porque os alunos sempre reclamavam que os professores tinham as mesmas didáticas. Para tentar fazê-los entender a língua portuguesa, que é uma das disciplinas que mais reprovam em concursos e na escola, comecei a cantar. Iniciei fazendo a Xuxa. Hoje eu sou Anitta, Valesca Popozuda, sou a Lady Gaga e a Beyoncé”, revela a docente. Um dos vídeos postados no Facebook já teve mais de 110 mil compartilhamentos, alcançando 3,6 milhões de visualizações na rede social. E os números não param de crescer.

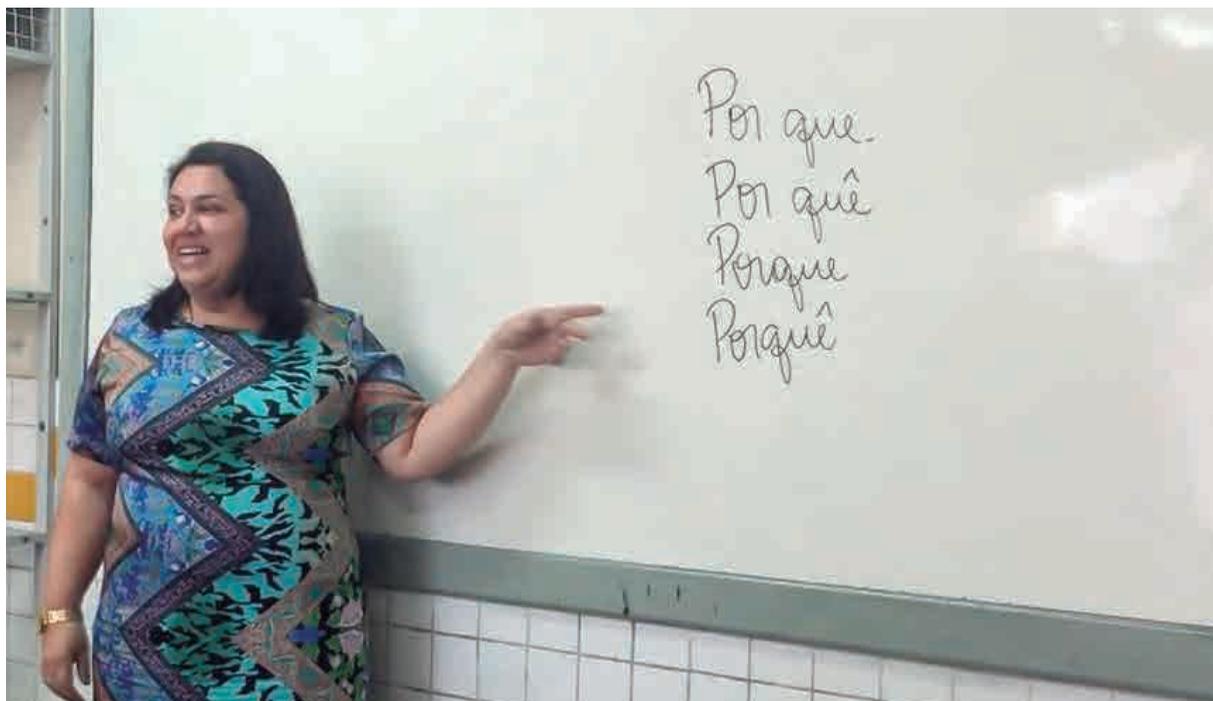
“Eu ficava me colocando no lugar dos alunos. Nas escolas eles estão habituados a sentar e o professor passar as lições. De certa forma, pelas aulas serem diferentes eles começam a lembrar mais os conteúdos e foi bem engraçado esse vídeo agora, porque estou recebendo mensagens de várias pessoas de todo o Brasil”, explica Lorena. Kassiane Letícia, de 15 anos, está no segundo ano do Ensino Médio e é aluna da professora Lorena. Segundo a jovem, as aulas dela são diferentes porque são dinâmicas. “Não é aquela aula monótona que é só explicar e explicar. Ela ensina de um jeito divertido. Isso te motiva a aprender. Porque quando a aula é muito chata você faz tudo, até cochilar, menos aprender. Na aula da Lorena não dá para dormir”, enaltece a aluna.

Apesar dos desafios enfrentados pelo ensino no país, Lorena acredita que a “educação vai funcionar”. “Professor não é valorizado, não é reconhecido e não tem o salário que merece ter, mas eu vejo que cada um, a partir do momento em que se propõe a realizar alguma coisa, tem que deixar a sua marca. Eu, Lorena, me emociono quando vejo

que estou fazendo a diferença e na verdade é isso que me estimula”, diz emocionada.

Confira a letra da paródia da música “Outra vez”, do “rei” Roberto Carlos:

(O vídeo pode ser conferido nos perfis oficiais do Facebook e do Youtube da Professora Lorena Dourado)



Lorena passou a ser reconhecida no Brasil inteiro após seu vídeo viralizar na internet com a paródia do hit de Roberto Carlos. Atualmente, em sua página no Youtube, ela possui mais de 100 mil visualizações

## Porquês

Por que no início da frase  
Ele vem separado  
Sem acentuar



Por quê no final de uma frase  
Separado e com acento  
Eu vou perguntar

Porque junto, sem acento, sem nada  
Eu me lembro do pois  
Para explicar



E o porquê juntinho e com acento  
Eu vou substantivar

A utilização de paródias em sala de aula requer um grande comprometimento por parte do professor, que deve encarar com seriedade esta tarefa, respeitando a faixa etária e o grau

de maturidade de seu alunado, tomando cuidados especiais para que tal atividade não se perca e transforme-se apenas em uma mera terapia ocupacional. Nesse sentido, é necessário que antes

de tudo exista um período de sensibilização da turma, onde o professor deve construir com seu aluno um conceito comum sobre o que o mesmo entende por paródia.



## Para sua aula

Professor, que tal aplicar essa aprendizagem durante sua aula, porém invertendo os papéis? Aqui, vamos deixar uma dica de atividade para que seus alunos produzam paródias acerca das temáticas desenvolvidas.

**Escolha músicas legais:** Parece básico, mas nem sempre as músicas escolhidas ficam bacanas em uma paródia. Dê preferência a baladas do tipo *pop* ou *rock*, que todos conhecem e são fáceis de cantar, tocar e assimilar.

**Defina o uso ou não de instrumentos:** A paródia musical pode ser feita sem instrumentos, usando apenas o gogó. Instrumentos musicais tornam a experiência mais divertida. Se for usá-los, dê uma maneira no barulho e cuidado para não abafar a letra da música.

**Distribua cópias da letra:** O objetivo de uma paródia não é revelar artistas, ainda que muitos talentos musicais se sobressaiam nesta atividade. É bom distribuir cópias da letra para que os outros alunos possam acompanhar e, quem sabe, até cantar junto.

**Contextualize a música e o tema:** Faça uma introdução, explicando o motivo da escolha desta ou daquela música. Da mesma forma, fale do conteúdo e da forma com que ele foi abordado na paródia. O professor pode, inclusive, promover uma discussão posterior.

**Seja criativo!:** Apesar de uma paródia ter apelo cômico, o humor não precisa ser o requisito básico. Porém, criatividade é sempre fundamental. Se possível, surpreenda seus professores e colegas. Boa aula!

■ *Por: Richard Günter*



# É MAIS QUE UMA COR



Foram utilizados livros infantis com personagens negros, para que os pequenos pudessem entender que eles também fazem parte do universo da criança

Com intuito de conscientizar os professores de que é necessário que o trabalho sobre as questões étnico-raciais se inicie desde os primeiros anos de escolaridade, a professora Kelly Madaleny, da Escola Caic Paulo Dacorso Filho, localizada em Seropédica, desenvolveu um projeto com a Educação Infantil para abordar essa e outras questões.

A docente explica que a Lei 10.639/03 é sem dúvida uma ótima ferramenta a ser utilizada para que a cultura afro-brasileira e africana esteja presente nos currículos escolares. Afinal, ela altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) a fim de atender demandas sociais e históricas. “Neste contexto, torna-se necessário que haja a aproximação de uma África que deu origem à humanidade, de modo a reconhecer sua imensa riqueza na arte, ciência, tecnologia, filosofia, psicologia, matemática, linguagens, escrita, arquitetura”, afirma.

Por isso, nada melhor para a Educação Infantil do que aprender através do lúdico. E, de acordo com esses valores, respeitando as especificidades de cada povo africano, que corresponde ao prazer de viver que se propaga na música, na oralidade (contos) e na corporeidade. Para isso foram utilizados livros infantis com personagens negros, para que os pequenos pudessem entender que eles também fazem parte do universo da criança.

O trabalho inicial era em uma turma, mas chamou a atenção da coordenação da Secretaria de Educação do município, o que resultou em um convite para que outras professoras de Educação Infantil tivessem contato com o trabalho. Com isso, o corpo docente teve a primeira formação continuada para professores da Educação Infantil com a temática racial dentro do município de Seropédica. Neste dia, os educadores compartilharam os trabalhos realizados com os alunos e levantaram a importância de se trabalhar a questão racial mesmo na Educação Infantil. A atividade se estendeu por outros ambientes dessa escola e outras professoras começaram a despertar para a importância de abordar o tema dentro de suas salas de aula.

Dentre os trabalhos realizados, um ensaio fotográfico com as crianças com a finalidade de elevar a autoestima delas e realçar a beleza que cada um possui. Os educadores propuseram também atividades de Matemática usando livros com personagens negros. A professora Kelly ressalta que todo o trabalho foi baseado nas diretrizes para a Educação Infantil do município. “Ele foi um sucesso e já estamos preparando a segunda formação nesta mesma temática”, finaliza.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Escola – Caic Paulo Dacorso Filho**

BR 465 KM 47 Campus da UFRRJ – Seropédica/RJ

**CEP:** 23890-000

**Tels.:** (21) 2682-1568 / 2682-4152

**E-mail:** carmenf@ufrj.br

**Diretora:** Carmen Frade

Fotos cedidas pela escola



Língua Portuguesa

# MARCAS DA ORALIDADE

---

Jovens desenvolvem o senso crítico participando de debates sobre temas atuais

---

**O** debate potencializa a capacidade de reflexão e de construção de argumentos, algo extremamente importante para o jovem em formação. Por isso, a Unidade Educacional Gama e Souza, em Bonsucesso, desenvolve o projeto *Atualidade em Debate*, que consiste em um ciclo de palestras bimestrais com temas relevantes e atuais sugeridos pelos alunos.

A ideia surgiu dos próprios estudantes do Ensino Médio João Paulo F. da Silva e Thaylane de Castro Barbosa, representantes de turma do 2º e 3º anos, respectivamente. “A partir do momento em que eles sentiram a necessidade de

acrescentar algo diferente e que, ao mesmo tempo, fosse interessante e adicionasse algo a mais para os estudantes, eles sugeriram essa ideia. A proposta foi levada à coordenadora Patrícia Vieira Paulo, que deu total apoio”, lembra o professor de Filosofia e Sociologia e um dos organizadores do projeto, Marcelo Barreto de Magalhães.

As atividades têm ocorrido no turno da manhã com a participação das turmas do 9º ano e das três séries do Ensino Médio, que abrangem tanto os cursos técnicos de enfermagem, administração e informática, como o de formação geral. Ao final de cada bimestre é promovido um debate acerca de um tema previamente escolhido pelos alunos e com a mediação dos professores da própria unidade escolar que motivam o bate-papo.

Já foram abordados temas como “Intolerância”, “O Papel da Mídia no Brasil Atual” e “Religião”. A discente Thaylane percebeu que os colegas mantêm opiniões variadas. “Não esperava que certos alunos tivessem determinados posicionamentos. Além disso, constatei uma grande troca de experiências e informações”, garante.

Já João Paulo conta que os debates estão introduzindo uma nova visão para os alunos. “Estamos tendo espaço para tirar dúvidas e aprender coisas que, às vezes, são consideradas tabus nas salas de aula e até mesmo em casa. É legal descobrir o que pensam nossos colegas e professores, que certamente são nossos grandes influenciadores”, explica.

O docente Marcelo ressalta que o projeto torna-se relevante pois os alunos passam a ter um espaço diferenciado na escola, no qual eles saem um pouco do seu universo virtual e desenvolvem a comunicação direta, trocando experiências e crescendo como cidadãos engajados e conscientes. “O melhor de tudo é que todas as áreas do conhecimento podem ser inseridas no projeto e trabalhar de forma multi e interdisciplinar, pois os temas são abrangentes e atuais. Professores de Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Matemática, Química e Língua Portuguesa já participaram das mesas de debates”, justifica.

Marinilde Borges, professora de Geografia, afirma que a realização dos debates revelou alguns aspectos que merecem ser enaltecidos. “O primeiro é que surgiram a partir dos próprios alunos, o que evidencia a percepção que eles



*Os estudantes participam de palestras bimestrais com assuntos relevantes e atuais e ainda ajudam na escolha desses temas*

trazem de estarem compartilhando um espaço democrático, como deve ser toda escola que tenha por objetivo formar cidadãos conscientes e comprometidos com seu papel social. Os temas abordados foram selecionados a partir de propostas e reuniões realizadas livremente pelos estudantes. Quebrou o velho discurso de que os adolescentes não se envolvem em questões políticas em seu cotidiano, pois todos puderam se colocar através de questionamentos e da troca de ideias, com maturidade, no momento em que estamos presenciando a implantação de leis orgânicas como a ‘escola sem partido’, sem consulta popular. Temos que comemorar e agradecer aos alunos, à direção, à equipe pedagógica e aos professores, por ratificarem o princípio básico de uma vida comunitária saudável: a democracia. Que venham os próximos!”, finaliza a educadora.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Unidade Educacional Gama e Souza**

Av. Teixeira de Castro, 72 –

Bonsucesso – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 21040-115

**Tel.:** (21) 2270-0887

**E-mail:** gamaesouza@oi.com.br

Fotos cedidas pela escola

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL AJUDA PESSOAS COM ALZHEIMER

---

Alunos criam aplicativo, cuja função é reunir informações que orientem os familiares dos portadores da doença



**M**ais de um milhão de brasileiros sofrem de Alzheimer, segundo o Ministério da Saúde. Incurável, a doença apresenta sintomas que se agravam ao longo

do tempo, mas que podem ser controlados e retardados se for diagnosticada precocemente. Com o acesso à informação correta, a família pode desempenhar um papel decisivo para identificá-la e, assim, melhorar a qualidade de vida do paciente. Pensando nisso, quatro estudantes do Instituto Alpha Lumen (IAL), localizado em São José dos Campos (SP), desenvolveram um aplicativo que auxilia os familiares nos cuidados dos portadores da doença.

Batizada de HelpAlz, a ferramenta foi criada por Ana Paula Maciel (16), Débora Gabriel (14), Larissa da Fonseca (15) e Thaís Nakamura (13) e reúne informações para a realização de um diagnóstico precoce, diminuindo as chances de descobrir a doença em estágios mais avançados, além de indicar profissionais e locais para o tratamento. “O *app* tem quatro funções principais. A primeira delas é uma lista contendo profissionais para o tratamento, como médicos, farmacêuticos e cuidadores. A segunda função é um mapa mostrando a localização de clínicas, hospitais, casas de idosos e outros lugares importantes”, explica Débora.

A terceira, enumera a estudante, é um pré-diagnóstico simples para averiguar se os sintomas que o paciente apresenta são mesmo de Alzheimer, e a quarta traz dicas gerais para os familiares, como alimentos que podem ajudar a estagnar a doença, a melhor maneira de dar banho, ajudar na hora de comer, dicas para o condicionamento físico, além de exercícios cognitivos.

A oportunidade de criar o *app* deu-se por meio das disciplinas optativas que o currículo aplicado pelo Instituto Alpha Lumen oferece, como robótica, programação e cinema. “Os alunos que estudam aqui são jovens com altas habilidades, ou seja, com ritmo de aprendizagem mais ágil que o normal. Eles participam de diversos projetos e competições, sempre com essa preocupação de desenvolver algo que tenha um impacto social”, conta Nuricel Aguilera, fundadora do Instituto Alpha Lumen.

Para Daniel Garcia, assessor tecnológico da Appai, o uso da Inteligência Artificial vem avançando de forma desenfadada em áreas como saúde e negócios. Embora ainda não muito difundida na Indústria da Educação, a tecnologia já oferece ferramentas conhecidas como *Intelligent Tutor Systems* (Sistemas Tutores Inteligentes), *softwares* de computadores capazes de acompanhar os “passos mentais” dos alunos durante a resolução de tarefas e estimar seu domínio de compreensão sobre o assunto. Em um futuro não tão distante a Inteligência Artificial fará parte do cotidiano, oferecendo novos recursos para o aprimoramento da aprendizagem e avanço da Educação.

No caso do HelpAlz, a ideia que o originou surgiu da experiência pessoal de uma das estudantes. “Minha bisavó tem Alzheimer, então, quando estávamos conversando sobre criar um aplicativo que tivesse um impacto social, pensei na lacuna que existe nessa área. Não havia nada voltado para as famílias, só para os pacientes, mas que ainda assim apresentava falhas, já que, com o tempo, eles acabam perdendo a habilidade de usar o *app*”, conta Larissa.

**Conheça e baixe o App em:**  
[www.alphalumen.org.br/helpalz](http://www.alphalumen.org.br/helpalz)

■ Por: Richard Günter

**Fontes:** Carta Educação | Instituto Alpha Lumen  
Rua Clóvis Bevilacqua, 868 – Jardim Esplanada –  
São José dos Campos/SP

**CEP:** 12242-790

**Tel.:** (12) 3207-5060

**Site:** [www.alphalumen.org.br](http://www.alphalumen.org.br)

**Fundadora:** Nuricel Villalonga Aguilera

# OS PONTINHOS QUE INCLUEM

---

Os desafios dos professores e alunos quando o assunto é Braille

**S**e comunicar com as mãos é uma tarefa bastante desafiadora, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Mas, acima de tudo, os resultados dos ensinamentos adquiridos são os mais gratificantes. No Instituto Benjamin Constant (IBC), centro de referência no campo da deficiência visual, são disponibilizados atendimentos a crianças cegas e com baixa visão desde a estimulação precoce, passando pela Educação Infantil até a conclusão do Ensino Fundamental. Atualmente, cerca de 18 alunos são matriculados por turma. No primeiro segmento do Fundamental, as classes costumam ser divididas em: alunos de baixa visão que utilizam o recurso de letra ampliada e estudantes cegos com o uso do sistema Braille e do Soroban (para cálculos matemáticos). Nesse segmento, as turmas comportam, no máximo, dez alunos. Já na segunda parte do Ensino Fundamental, as classes são mistas: alunos com baixa visão e com cegueira, juntos.

As diversas turmas desses períodos escolares, assim como aqueles da estimulação precoce, fazem parte do Departamento de Educação. No entanto, há o serviço de reabilitação, que pertence ao Departamento de Estudos e Pesquisas Médicas e de Reabilitação (DMR) que atende os indivíduos que perderam a visão posteriormente (cegueira adquirida). Nesse segmento há serviços como: artesanato, educação física, escrita cursiva, informática, orientação e mobilidade (OM), pré-Braille, Sistema Braille, entre outros.

A professora Raffaella Lupetina, que leciona no primeiro segmento do Ensino Fundamental, informa que os alunos têm aulas das disciplinas curriculares: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências, além de outras como Informática, Educação Física, Música ou Teatro e atividades na biblioteca. “Tudo é planejado individualmente, de acordo com as necessidades de cada turma, mas sempre seguindo um currículo comum. Dessa forma, garantimos uma coesão no ensino, mas respeitando as particularidades de cada um”, ratifica Lupetina.

As aulas que envolvem materiais táteis costumam despertar mais a atenção dos alunos. Esses gostam também de atividades externas, onde podem explorar ambientes fora da sala de aula. As que envolvem áudios também são bastante atraentes, pois muitos alunos gostam de ouvir rádios, músicas e novelas. Porém cabe ressaltar que os docentes incentivam muito a escrita e leitura em Braille, visando a autonomia e pensamento crítico da criança cega.

Para Lupetina, é extremamente importante a preservação do Braille enquanto sistema de escrita e leitura da criança e do indivíduo cego. Mesmo com os recursos tecnológicos de áudio e programas de computador com recurso de voz, é fundamental a disseminação do Braille, assim como a produção de materiais, livros e revistas nesse sistema. O IBC, enquanto instituição especializada, produz publicações em Braille, como a “Revista Brasileira para Cegos” e a “Pontinhos”, além de livros paradidáticos e didáticos. Porém, “as escolas regulares que estão promovendo a inclusão também devem proporcionar ao estudante cego esse tipo de acesso, para que ele possa se desenvolver”, aponta a educadora. As aulas especializadas disponibilizam os materiais adequados: reglete, punção, máquina Perkins, soroban, além dos professores com formação específica, que incentivam o aluno a ler e escrever, visando a sua autonomia.

A estudante do IBC Caroline de Souza Pinheiro demonstra o sentimento em estudar em uma escola regular especializada. “Antes de vir para cá, estudava em uma escola normal, que não era especializada para mim, porque eu sou deficiente visual. Agora eu faço parte do Instituto



*O contato das mãos com os objetos despertou a curiosidade dos estudantes. Cada um pôde descrever o que encontrava no rosto de uma estátua que simbolizava o Brasil Império*

Benjamin Constant. Sou da turma 301, da tia Raffaella, do terceiro ano do corredor de madeira. Tenho 10 anos e hoje sou feliz”, relata.

Além de oferecer cursos de formação para os professores da rede regular de ensino aprenderem o sistema Braille, o soroban, a orientação e mobilidade, o que lhes permite retornar para o seu local de trabalho com uma capacitação para lecionar para quem apresenta deficiência visual, o IBC atende também surdocegos através do Programa de Atendimento e Apoio à Pessoa Surdocega (PAAS). Possui também o Programa Educacional Alternativo (Prea), que é direcionado a crianças e jovens de até 16 anos com deficiência visual associada a outros comprometimentos. Inclusive, o Instituto conta com um Departamento Técnico Especializado (DTE), que disponibiliza materiais didáticos especializados para pessoas cegas, com baixa visão, surdocegas e com múltiplas deficiências para todo o Brasil, além de uma imprensa, que produz livros em Braille.



*Através de um tabuleiro com as letras em alto-relevo os alunos puderem construir frases. A dinâmica foi realizada em dupla como forma de interação*

## A segunda língua oficial do Brasil

No parâmetro da Inclusão Social abrimos espaço também para mencionar a segunda língua oficial do Brasil. O ensino de Libras nas unidades escolares brasileiras é uma vitória dos deficientes auditivos, assim como o Braille para os cegos, pois, uma vez presente na grade curricular, gera mudanças sociais, não só por sua aplicação nas instituições de ensino, mas pela importância da aceitação e compreensão por parte dos alunos e, principalmente, pela inclusão social. Dessa forma, pode-se concluir que a utilização da linguagem brasileira de sinais deve ser cada vez mais popularizada e incentivada, abrangendo a sociedade como um todo, colaborando para a melhoria da qualidade de vida.

Há mais de 5 anos, a Appai, com o intuito de aprimorar a formação de seus associados, através do Benefício de Educação Continuada, oferece o Curso Intermediário de Libras, de 160 horas, promovido pela Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira



*As aulas do curso de Libras do Benefício Educação Continuada são realizadas semanalmente dialogando através dos sinais com a vasta riqueza do vocabulário português*

de Sinais (Apilrj), que tem como objetivo habilitar o participante a ser professor apto a trabalhar com deficientes auditivos.

Para a associada Ana Leyse, o curso oferecido pela Appai busca promover a vontade de cada vez mais querer trabalhar para quem precisa. “As escolas carecem de bons profissionais nessa área e aqui estamos sendo capacitados para colaborar com esse segmento”, ressalta Leyse. Para a pedagoga que leciona no curso, Gilvana Pinna, a Libras na educação está propiciando a inclusão educacional e social dos surdos, uma vez que professores e estudantes dos cursos de pedagogia e

licenciatura estão cumprindo a formação conforme o Decreto 5.626/2005. “Os alunos da Appai estão recebendo igualdade de direitos assim como os das universidades.

A possibilidade de aprender para propiciar uma educação bilíngue, inclusiva, que beneficie os estudantes surdos que estão nas unidades escolares”, finaliza a pedagoga. Isso nos mostra como a língua é parte integrante do cidadão, da identidade de um povo, independente de suas barreiras físicas ou sociais. Sendo assim, não importa a forma em que ela se concretiza, seja falada, escrita por letras, sinais e símbolos ou pelo dedilhar das mãos.

■ *Por Richard Günter*

### **Instituto Benjamin Constant**

Avenida Pasteur, 350 / 368 – Urca – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 22290-240

**Tel.:** (21) 3478-4442

**E-mail:** [ibc@ibc.gov.br](mailto:ibc@ibc.gov.br)

**Site:** [www.ibc.gov.br](http://www.ibc.gov.br)

**Diretor-geral:** João Ricardo Melo Figueiredo

Fotos cedidas pela escola

Web

# ROLOU NA WEB



Que tal visitar a nova atração do Rio de Janeiro? A equipe da Appai visitou o AquaRio, o maior aquário marinho da América do Sul e mostrou tudo em primeira mão em nosso *blog*. Não deixe de conferir!



No *blog* também estão rolando alguns *posts* com dicas de filmes que podem auxiliar em sala de aula. Mais uma ferramenta lúdica para tornar a aula ainda mais divertida.

## Voz do professor

*“Queria agradecer pelo que fizeram com meu vídeo. Eu falei tanto, me enrolei e vocês fizeram uma ótima edição. Parabéns pelo profissionalismo e pela ideia do projeto. O reconhecimento do professor pelo nosso público, pais e alunos, infelizmente, é raro. Por isso acho importante que outros segmentos da sociedade o façam. Valeu pela iniciativa! No meu facebook, o vídeo fez o maior sucesso!”*

**Valéria Angelo**, professora aposentada, via *e-mail*, sobre o vídeo em homenagem ao Dia do Professor de 2015.

## Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



“Quero dizer que sou muito orgulhosa de ser associada da Appai, nestes dias

passei momentos maravilhosos com minha família em Penedo na Pousada Ile de France. Pousada maravilhosa, atendimento maravilhoso, um excelente café e acomodações super top amei. Obrigada” - **Criss Cabral**, via **Facebook**.



“Tenho orgulho de ser professora porque sempre amei o que fazia. Hoje aposentada, com a

sensação do dever cumprido. E como é boa essa sensação!” - **Rosimere Ferreira**, via **Instagram**.



“Excelente o artigo da Professora Andréa Schoch. Parabéns! Eu

achei interessante este termo que você usou: Organizador da Informação!” - **Denigmas**, via **Blogger**.

## As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube - youtube.com/appairj

[appairj.blogspot.com.br](http://appairj.blogspot.com.br)

# EMOJIS... APENAS CARINHAS OU UMA NOVA LINGUAGEM?

Presentes em mais de 10% das conversas, independente das faixas etárias, esses símbolos ou caracteres têm abocanhado um espaço cada vez maior na comunicação



**A**s primeiras formas de representação do homem foram as pinturas rupestres em cavernas. Imagens gráficas ou sinais são usados como linguagem desde a Antiguidade, como a escrita dos sumérios, os desenhos dos maias e os hieróglifos egípcios. Hoje existem línguas que usam ideogramas (imagens que representam ideias), como os *kanjis*, símbolos não fonéticos usados na China, Taiwan e no Japão. A popularidade do *emoji*, também criado pelos japoneses, representa a ascensão de uma nova linguagem. Um estudo realizado, recentemente, pelo Google aponta que eles representam quase metade das palavras utilizadas em comentários, legendas e *hashtags* no Instagram.

Para algumas pessoas, os caracteres com imagens podem ser considerados como um “alfabeto” digital, um novo sistema linguístico de comunicação que tem o computador como mediador da interação verbal. Mas o fenômeno do uso dessas imagens já ultrapassou os meios digitais. Em fevereiro de 2014, uma versão do livro *Moby Dick* escrita com *emojis* em vez de palavras foi aceita no acervo do Library of Congress. Chamado *Emoji Dick*, o projeto representou um marco na aceitação dessa forma de transmissão de signos. Eles foram parar também nas universidades, onde linguistas debatem seu papel na evolução das comunicações e dentro de cada língua.

Será que chegaremos ao tempo em que voltaremos a nos comunicar apenas por imagens em vez de textos, como no Egito antigo? Críticos acreditam que os caracteres empobrecem a linguagem e não conseguem transmitir a complexidade e a riqueza de um assunto. Seria muito difícil surgir uma obra literária com essa linguagem que não soasse como um grande resumo de ideias. Ainda é cedo para saber o futuro dos *emojis* e principalmente se eles têm potencial para se tornar um idioma ou uma forma de comunicação complexa. O mais provável é que continuem a ser usados de modo complementar, em mensagens coloquiais que combinem texto escrito e imagens.

A característica da linguagem não verbal é justamente o fato de o sujeito comunicar algo a alguém, só que sem o uso de palavras. É por isso que o símbolo deve ser de fácil reconhecimento. Toda imagem corre o risco de ser ambígua e interpretada erroneamente pelo receptor, já que sua compreensão depende do repertório cultural e pessoal de quem a recebe. É por isso que um bom *emoji* deve representar uma ideia facilmente identificada e compreendida por uma cultura, ultrapassando os limites linguísticos e verbais. ►



Ao mesmo tempo em que a geração Z está conectada às redes sociais, os relacionamentos "cara a cara" estão cada vez mais distantes, revela estudo da Universidade de Califórnia

► A geração Z está diretamente ligada a este fenômeno. Os chamados nativos digitais, aqueles que se mantêm conectados desde o nascimento na cultura tecnológica, vivem o impacto dessa transformação. De acordo com uma pesquisa da empresa Talk Talk, 72% dos jovens entre 18 e 25 anos consideram mais fácil usar os *emojis* para expressar sentimentos. O entendimento sobre a amizade é diferente para os nativos digitais, pois as relações *on-line* são baseadas em muitas variáveis similares às relações tradicionais entre os mais velhos, como interesse, compatibilidade, frequência na interação, mas possuem um grande diferencial, pois de um modo geral são passageiras e efêmeras.

Segundo um estudo da Universidade da Califórnia, nos EUA, o *emoji* traz uma sensação psicológica de intimidade e proximidade na esfera virtual, uma maior conexão com o outro. Muitas vezes ele também é usado para reforçar um tom de voz ou sentido de uma ideia e até para quando não se tem mais nada a dizer, mas é necessária uma comunicação.

O problema da necessidade de ser um ícone de compreensão universal é que muitos críticos avaliam que estão repletos de estereótipos, principalmente quando se reportam a diferentes povos e culturas. Por exemplo, se referir a um indiano com um desenho de turbante na cabeça.

Para a Mestre em Psicologia Stephanie Christina, da Escola Distrital de Ottawa, no Canadá, a tecnologia realmente afeta a forma como os alunos se comunicam uns com os outros. ►

**“O emoji traz uma sensação psicológica de intimidade e proximidade na esfera virtual, uma maior conexão com o outro.”**





Um *emoji* foi eleito pelo Dicionário Oxford como a “palavra do ano”.

O anúncio foi feito pelas redes sociais da editora de dicionários da instituição britânica. Segundo a universidade, é a primeira vez que a palavra do ano não é uma palavra, e sim uma imagem pictográfica que simboliza um

vocábulo ou frase. No caso, a imagem vencedora representa um “rosto com lágrimas de alegria”.

Todos os anos, a editora elege a palavra que, naqueles meses, atraiu um grande interesse. As candidatas ao prêmio são debatidas por um júri, que, segundo a instituição, escolhe o termo vencedor com base no “potencial duradouro” e na “significância cultural”.

De acordo com o dicionário, uma empresa de negócios em tecnologia móvel foi contratada para registrar a frequência global de uso dos *emojis*, e o “rosto com lágrimas de alegria”, segundo o levantamento, representou 20% de todos os que foram utilizados no Reino Unido, e 17% nos Estados Unidos. A empresa também detectou um aumento na frequência desses ícones em relação ao ano anterior.



► Mensagens instantâneas, de texto e *e-mails* não permitem que as crianças leiam a emoção dos outros. “Essa é sua principal forma de comunicação. Porque eles não veem as reações, nós nos preocupamos com empatia. Algumas crianças apenas dizem o que vem em suas cabeças. É apenas uma parte do seu mundo para não ter nenhuma reação”, comenta Christina. A tecnologia é inegavelmente um importante fator da comunicação moderna, mas não se pode deixar o telefone ou o computador mudar o fato de que há realidade do outro lado da tela.

Obviamente que os *emojis* não são um idioma, mas vêm se transformando num importante elemento da linguagem. Ou seja, tudo aquilo que usamos junto com as palavras para dar o significado que queremos: a entonação, a expressão facial, o modo de olhar ou até a linguagem corporal. Num mundo em que as comunicações têm sido cada vez mais eletrônicas e menos ao vivo, eles exercem uma função paralinguística importante. Para Vyvyan Evans, professor de linguística da Universidade de Bangor, na Inglaterra, “sociedades menos rígidas tendem a ver os *emojis* como um modo divertido e espontâneo de se comunicar. Tudo depende do contexto cultural”, explica.

De acordo com Evans, para entendê-los deve-se aplicar a mesma lógica da compreensão das palavras. “Sabemos que elas têm um significado relativamente estável num conjunto linguístico, ainda que possam ser usadas para significar outras coisas, dependendo do contexto da frase ou da situação. O mesmo ocorre com os *emojis*, que são, nesse caso, “palavras”, mas que viajam entre países e idiomas diferentes”.

Recentemente, a Apple anunciou que seus dispositivos contarão com 300 novos *emojis* que buscam refletir a diversidade de pessoas no mundo, com tons de pele diferentes, variações familiares e moedas de vários países e bandeiras. No futuro próximo, eles poderão ser personalizados pelo usuário de acordo com as características desejadas, com opções que o ajudem a desenvolver sua própria versão da linguagem visual.

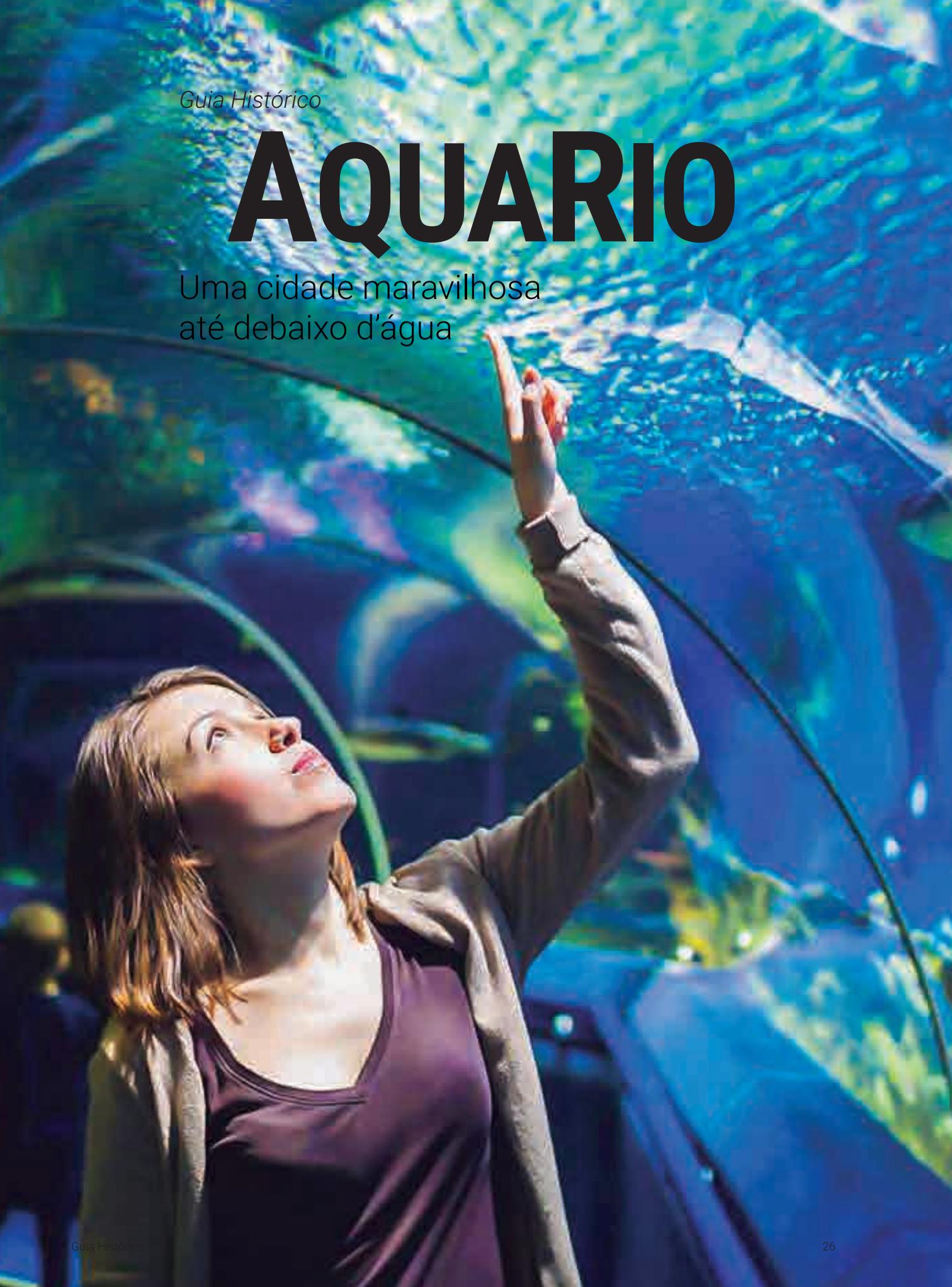
■ Por Richard Günter

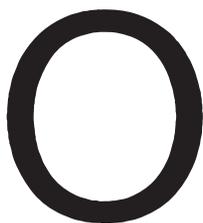
Fontes: Teach Le Prof | Vestibular Uol | Folha

*Guia Histórico*

# AQUARIO

Uma cidade maravilhosa  
até debaixo d'água





AquaRio, maior aquário marinho do continente, abriu as portas para

a visitação do público. Com 26 mil m<sup>2</sup> de área e 4,5 milhões de litros de água, a atração tem sido o novo *point* dos cariocas para tirar *selfies*. São 8.000 animais de 350 espécies diferentes em exposição.

O Aquário Marinho do Rio de Janeiro, ou AquaRio, é um equipamento de visitação pública, 100% privado, moderno e multifuncional de educação, pesquisa, conservação, lazer, entretenimento e cultura, que cria a oportunidade de a cidade oferecer a visitação de um espaço único com atrações e tecnologias inovadoras pouco vistas no Brasil.

O espaço conta com circuito de 28 tanques, onde o visitante pode conhecer um pouco mais sobre os peixes da costa brasileira, do Caribe e do Indo-pacífico. Uma das maiores atrações do AquaRio é o tanque principal, o Recinto Oceânico e de Mergulho. Com 3,5 milhões de litros de água, sete metros de pé-direito e um túnel passando por seu interior, a combinação

da impressionante massa d'água com a grande quantidade de peixes proporciona uma experiência incrível e usualmente pouco acessível à grande maioria: a oportunidade de participar de um mergulho real com peixes, raias e tubarões. O espaço também tem visitas noturnas especiais para crianças de até seis anos, que poderão passar a noite dentro do túnel localizado no tanque principal.

De acordo com o Diretor-Presidente do AquaRio, Marcelo Szpilman, o espaço tem foco em educação, pesquisa e conservação e, para isso,

contará com o Museu de Ciências, com exposições relacionadas ao ambiente marinho, e também com o Aquário Marinho Virtual, onde o visitante terá uma experiência interativa com animais que não podem ser tocados por razões de segurança. “Há várias atrações no aquário, vai ser possível pôr a mão em uma raia, um tubarão, um invertebrado. Além de ser muito bonito e inédito no mundo todo, as pessoas vão poder mergulhar nesse grande tanque, as crianças poderão até dormir aqui”, revela Szpilman.

*A fim de ampliar o acesso da população, o AquaRio fechou um acordo com a Prefeitura do Rio de Janeiro, promovendo visitas escolares gratuitas aos estudantes da Rede Pública Municipal ao longo do ano letivo, mediante agendamento prévio. Este benefício se estende a todos os servidores públicos do município, inclusive professores. O agendamento tem previsão de início a partir de março de 2017. Informamos também que todos os estudantes do estado do Rio de Janeiro têm direito à tarifa reduzida, mediante apresentação de documento estudantil com foto, dentro da validade.*

■ *Por: Richard Günter*

### **AquaRio**

Praça Muhammad Ali, s/n – Gamboa – Rio de Janeiro/RJ  
Boulevard Olímpico / Estação VLT: Utopia/AquaRio

**CEP:** 20220-360

**Horário de funcionamento:** De segunda a sexta (10 às 17h), sábado e domingo (13 às 17h)

**Site:** [www.aquariomarinhodorio.com.br](http://www.aquariomarinhodorio.com.br)





*Entre os objetivos do projeto está o de despertar nos estudantes o interesse pela pesquisa científica de modo a aprofundar o nível de conhecimento*

Ciências

# OUTRO NÍVEL

Graduandos em Biologia visitam Colégio Estadual para avaliar os trabalhos apresentados pelos alunos e conhecem parte da realidade das escolas onde irão lecionar

O corpo docente do Colégio Estadual Frederico Azevedo deu um diferencial à Feira de Ciências de 2016. Os educadores conseguiram reunir no mesmo evento estudantes de três segmentos diferentes: Fundamental II, Médio e Superior. Entre os objetivos do projeto está o de despertar nos educandos o interesse pela pesquisa e pela Ciência, aprofundar o nível de conhecimento, enriquecer o repertório de cada aluno sobre os temas abordados em sala de aula e fazer com que eles pratiquem o que é visto nos livros didáticos. A Feira já faz parte da programação pedagógica da escola. O diferencial deste ano foi trazer estudantes universitários de Biologia para avaliar os trabalhos apresentados e viver a realidade escolar.

O projeto começa a ser desenvolvido no início do ano letivo. Com a aproximação da data de culminância, os alunos se dividem em grupos de mais ou menos oito componentes, definem o tema e iniciam as pesquisas específicas. Os professores participam de todo o



Estudantes universitários de Biologia foram convidados para avaliar os trabalhos produzidos pelo corpo discente do CE Frederico Azevedo, o que se tornou o diferencial do evento

processo e ajudam os estudantes na busca de fontes de pesquisa, verificam a viabilidade de cada trabalho, fazem ajustes e dão sugestões para enriquecer as apresentações.

Em 2016, o período de exposição foi dividido em duas datas. No primeiro dia, os alunos do Ensino Fundamental apresentaram as pesquisas para os do Ensino Médio. No segundo dia os papéis se inverteram. No entanto, todos eles passaram pela avaliação dos estudantes universitários e concorreram a prêmios conforme a categoria de que estão participando.

A professora de Biologia Lady Cassano é uma das organizadoras do projeto e há quatro anos acompanha o desempenho dos alunos. Segundo ela, a Feira é a ocasião em que os educadores se surpreendem. “Este é o momento em que conseguimos vê-los colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante o ano. É hora de colher os frutos e ver que vale a pena ser professor. Quando os estudantes têm a oportunidade de mostrar algo diferente eles superam as nossas expectativas. É compensador investir neles”, resume Lady.

Para os estudantes, esta pode ser uma das raras oportunidades de vivenciar a ciência, trocar experiências e aprender com os colegas de escola. Daniel, Lucius e Keven são alguns exemplos de que os projetos pedagógicos desenvolvidos dentro das escolas podem influenciar de forma positiva nas práticas do dia a dia e até na escolha da carreira.

Daniel Ferreira e Lucius Villar já decidiram o caminho que desejam seguir e Keven Fernandes se reúne periodicamente com outros amigos para desenvolver experiências. Na Feira, eles montaram um estande para demonstrar as diferentes maneiras com que a ciência está presente na vida das pessoas. Um dos trabalhos mostra um óculos de realidade virtual, produzido com uma lente biconvexa e materiais reutilizados. “Eu gosto de pesquisar sobre assuntos relacionados às ciências e a Feira organizada pela escola é uma oportunidade para os alunos se destacarem”, declara Daniel, do 1º ano do Ensino Médio.

Uma das avaliadoras convidada para colaborar com o projeto faz licenciatura em Biologia e já foi aluna da Frederico Azevedo. Izabhor Brulon conta que, desde a época em que era uma estudante secundarista, a escola já desenvolvia este tipo de projeto e foi uma das professoras que inspirou o seu interesse pela Biologia. Ela destaca os impactos positivos dessa iniciativa: “o aluno vai ter acesso à pesquisa de outros estudantes, isso pode fazer com que ele se interesse por uma determinada área. Quando se tem a vivência fica mais fácil escolher, decidir por uma carreira,



*A realização deste projeto proporcionou uma vivência científica no dia a dia do aluno, oportunizando trocas de informações, tornando o projeto pedagógico influenciador de carreiras*

por exemplo. Eu fui influenciada e esses jovens também serão de forma positiva”.

A universitária fez parte do grupo de colaboradores externos que avaliou o desempenho dos alunos através de uma parceria entre o Colégio Estadual e a Universo. Para Claudio Rangel, docente que leciona nas duas instituições, trazer futuros professores para dentro das escolas é uma forma de estimular os discentes tanto da escola quanto da faculdade. “Os universitários nunca tinham participado de algo desse tipo. Esta é uma experiência verdadeira sobre a realidade da escola, serve para enriquecer a formação deles e não cria estigmas sobre a educação”, ressalta o professor.

A participação dos futuros docentes foi determinante

no momento de decidir os vencedores dos prêmios dados pela escola aos melhores projetos. Mas, antes de votar, os avaliadores definiram também quais critérios seriam utilizados para escolher os ganhadores. Ao final, as equipes que somassem mais pontos entre caráter investigativo, organização, criatividade e postura do expositor levavam o prêmio em sua categoria.

No final do segundo dia de exposição, a ex-aluna e então avaliadora Izabhor Brulon reflete

sobre sua experiência: “Vale a pena investir e incentivar os alunos. Toda escola deveria ter este tipo de projeto. O estudante gosta e precisa ter essa vivência. Dá mais trabalho, mas é muito prazeroso ver o jovem entusiasmado com a disciplina. Foi bom participar e acredito que seria interessante se fossem formadas outras parcerias entre as escolas e as universidades. Eu, com certeza, farei este tipo de projeto com meus alunos”, planeja a futura professora de Biologia.

■ *Por Marcela Figueiredo*

**Colégio Estadual Frederico Azevedo**

Rua Raul Mesquita, s/nº – Itaúna – São Gonçalo/RJ

**CEP:** 24474-070

**Tel.:** (21) 3119-5792

**E-mail:** cefaconexao@gmail.com

**Diretora:** Cristina Valeria Teixeira Vilas Boas

**Fotos:** Marcelo Ávila



*História da Educação*

# EDUCAÇÃO: UM DIREITO DE TODOS

De Cabral aos dias atuais, a ciência do saber segue em busca de um ensino igualitário



**U**m começo cercado e feito apenas por meninos e para meninos. Assim começa a histórica jornada da educação no Brasil nos idos de 1549, em que apenas os filhos dos índios e órfãos portugueses tinham direito a conhecer as “letras”. A missão de catequizar e ensinar coube aos Jesuítas, entre eles o Padre Manuel da Nóbrega. Ainda que o objetivo principal desse movimento fosse a catequização, por questões políticas entre a Igreja Católica e as Reformadas, havia certo consenso de que todos precisavam ler e escrever. Além de sua formação didática e metodologia de ensino, os padres-professores inspiravam-se nos próprios costumes indígenas – cantos, danças e músicas – para transferir conhecimento.

Por volta de 1759, os pioneiros na arte de ensinar são expulsos de Portugal e da colônia. Inicia-se, neste período, a primeira reforma na educação com o objetivo de modernizar o reino. Um ano depois é criado o primeiro concurso para docentes, mas, por uma questão político-burocrática, as nomeações e o início das aulas só ocorreram de fato em 1774. Um dado bastante curioso é que na época, para tornar-se professor, o interessado só precisava ter alguma instrução e não necessariamente uma especialização ou formação específica na área.



*Padre Manoel de Nóbrega desenvolveu um intenso trabalho missionário, do qual resultou, em 1554, a fundação do colégio do planalto de Piratininga, que foi o núcleo de onde se desenvolveu a cidade de São Paulo*

Naquele momento, de acordo com a doutora em História e docente do Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet), no Rio de Janeiro, Tereza Fachada Levy Cardoso, mesmo os professores ganhando um título de nobreza, que dava direito a alguns benefícios, como a isenção de certos impostos, a atividade era penosa e nem sempre compensadora.

O século XIX desponta delineando um novo rumo para o Brasil. Em 1824, é implementada a primeira Constituição, que determinava que a educação deveria ser gratuita a todos os cidadãos. Com base nessa definição, foi aprovada uma lei em 15 de outubro, por deputados e senadores, de 1827, que marcaria a partir de então o Dia do Professor, além de outras providências, como a criação de

escolas primárias em todas as cidades e vilarejos.

Com a chegada da Proclamação da República, muita coisa mudou no Brasil e muitas transformações ocorreram paralelamente no cenário mundial. A constituição de 1891 trouxe com ela algumas incumbências para os estados do Brasil. Uma delas foi a transferência da responsabilidade de ensino, na área de educacional, para os estados, sobretudo os mais ricos.

## Surge a escola do século XXI

Em 1932 surge então um movimento em defesa da Nova Escola. Pensada e executada por pensadores da educação igualitária, esse novo movimento em defesa da educação pública, gratuita e laica desponta como um momento à parte, dentro e fora das salas de aula. Pensadores como Paulo Freire, Lourenço Filho e Anísio Teixeira, entre outros,

levantam suas vozes por uma escola sem ligações religiosas e exclusões. Falar dos 100 anos desse novo formato da Escola é vislumbrar uma caminhada feita por homens, ideologias, argumentações, pesquisas e questionamentos acalorados na busca de respostas entre as políticas macro e as práticas escolares diárias.

Imagem extraída de: <https://anisoedarcy.wordpress.com/anisio-teixeira-na-escola-parque/>



### Linha do tempo:

**1760:** É realizado o primeiro concurso para professores públicos.

**1808:** A vinda da família real para o Brasil incentiva a cultura no país.

**1822:** Dom Pedro I (1798-1834) assume o trono após a independência.

**1834:** As províncias passam a definir as regras educacionais.

**1889:** A República é decretada e surge um novo modelo de escola.

**1891:** É proclamada a Constituição e a Educação fica a cargo de estados e municípios.

**1892:** A reforma paulista propõe os grupos escolares, com a divisão dos alunos em séries.

**1914:** Começa a Primeira Guerra Mundial, que segue até 1918.

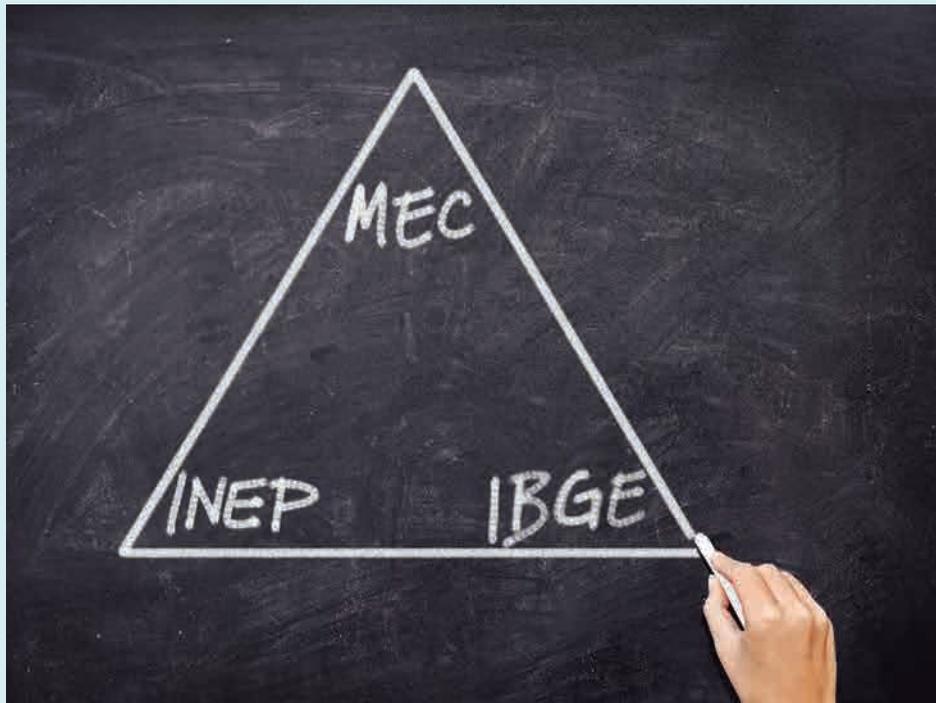
**1920:** Ocorre a Reforma Sampaio Dória, em São Paulo, seguida por outras sete.

**1930:** A revolução e um golpe de estado levam Vargas ao poder.

## Um triângulo educacional

E para entender um pouco mais como essa base cresceu e quantos órgãos vêm contribuindo para a boa *performance* da educação brasileira vamos fazer um pequeno raio X desses pilares de apoio educacional. Uma delas é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Você sabia que esse órgão é um dos precursores na elevação da qualidade na educação no país? Vamos explicar o porquê. Instituição estatal criada na década de 1930 pelo Governo Vargas nasceu com intuito de realizar estudos e levantar dados quantitativos e qualitativos sobre o território brasileiro e sua população. Segundo o IBGE, a sua missão institucional é retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania.

O mais importante dos estudos realizados pelo Instituto foi o Censo Demográfico Brasileiro. Atualmente ele é realizado a cada dez anos levantando dados estatísticos com base em visitas residenciais a toda a população brasileira. Apesar dessa pesquisa existir desde o século XIX, foi com o IBGE que ela ganhou uma melhor estruturação. Dessa forma, esse órgão é a principal fonte para cientistas, estudantes e principalmente gestores públicos que planejam e coor-



*A partir das estatísticas produzidas pelo IBGE, o Inep realiza uma série de planejamentos para que o MEC possa definitivamente pôr em prática visando uma melhoria na educação*

denam ações para melhoria estrutural e social no território brasileiro.

Embasado nessas estatísticas, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Aní- ▶

## Uma visão sistêmica da educação

Mas se todos os sonhos passam pela escola, o que fazer para que a educação de qualidade se torne acessível a um número cada vez maior de brasileiros? Essa pergunta pode ter uma resposta embasada na ideologia do Ministério da Educação (MEC). A história do MEC, como é conhecido hoje, começa em 1930, quando foi criado o **Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública**, no governo de Getúlio Vargas. Como é possível perceber pelo nome, a Educação não era a única área tratada pelo ministério, que também desenvolvia atividades pertinentes à saúde, ao esporte e ao meio ambiente. Em quase 90 anos, o órgão busca promover ensino de qualidade para nosso país. Com o lançamento do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), em 2007, o MEC vem reforçando uma visão sistêmica da educação, com ações integradas e sem disputas de espaços e financiamentos.



► sio Teixeira (Inep), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), promove estudos, pesquisas e avaliações sobre o sistema educacional brasileiro e projetos com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para essa área, a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral.

Para gerar seus dados e estudos, o Inep realiza levantamentos estatísticos e avaliativos em todos os níveis e modalidades de ensino. Alguns exemplos:

- Censo Escolar, que faz levantamento de informações estatístico-educacionais de âmbito nacional, realizado anualmente;
- Censo Superior que coleta, anualmente, e reúne uma série de dados do ensino superior no país, incluindo cursos de graduação, presenciais e a distância;

- Avaliação dos Cursos de Graduação, embasando um procedimento utilizado pelo MEC para o reconhecimento ou renovação de reconhecimento dos cursos de graduação, uma medida necessária para a emissão de diplomas;
- Avaliação Institucional que compreende a análise dos dados e informações prestados pelas Instituições de Ensino Superior (IES) no Formulário Eletrônico e a verificação, *in loco*, da realidade institucional, dos seus cursos de graduação e de pós-graduação, da pesquisa e da extensão;
- Sistema Institucional de Avaliação da Educação Superior, um novo instrumento de avaliação superior do MEC/Inep, formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes;
- Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), uma prova de saída facultativa aos que já concluíram e aos concluintes do Ensino Médio;

- Exame Nacional para Certificação de Competências (Encceja), que é uma proposta do MEC para construir uma referência de avaliação nacional para jovens e adultos que não puderam concluir os estudos na idade própria;
- Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), pesquisa por amostragem, dos ensinos Fundamental e Médio, realizada a cada dois anos.

Além dos levantamentos estatísticos e das avaliações, o Inep promove encontros para discutir os temas educacionais e disponibiliza também outras fontes de consulta sobre educação. Por fim, toda bagagem adquirida é repassada para o MEC, que coloca em prática as ações visando uma melhoria na educação.



*O ministro Gustavo Capanema durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Monumento à Juventude - uma das obras de arte que viriam a integrar o prédio do Ministério da Educação e Saúde, 1944. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC/ GC)*

No PDE, investir na educação básica significa apostar na educação profissional e na superior. Mas construir essa unidade só é possível com a participação conjunta da sociedade. É por isso, por exemplo, que o MEC hoje discute a Base Nacional Comum Curricular de norte a sul do Brasil. Com o envolvimento de pais, alunos, professores e gestores, a educação se tornará um compromisso e uma conquista de todos. Segundo Manuel Palácios, secretário da Educação Básica do Ministério da Educação, “essa é uma discussão que envolve os profissionais. É uma reflexão sobre aprendizagem de determinada área, é específica, não é uma questão geral. Tem a ver com a profissionalização da educação, com o fortalecimento dessa cultura profissional associada ao ensino básico”, explica Palácios.

Um grupo que reúne profissionais de várias formações preocupados com a educação criou o Movimento pela Base Nacional Comum para fomentar as discussões em torno do currículo e chamar a atenção da população para a situação. A secretária-executiva do movimento, Alice Ribeiro, ressalta: “A Base garante a equidade, ou seja, que todos os alunos, independentemente de onde morem ou estudem, tenham acesso ao que é essencial aprender. Além disso, ela funciona como uma espinha dorsal do sistema educacional, a partir da qual vários outros aspectos fundamentais se organizam. Formação de professores, produção de material didático e avaliação, por exemplo, passam a ter uma referência comum”.

Outros âmbitos constitucionais apontaram, também, a necessidade de ampliar a oferta



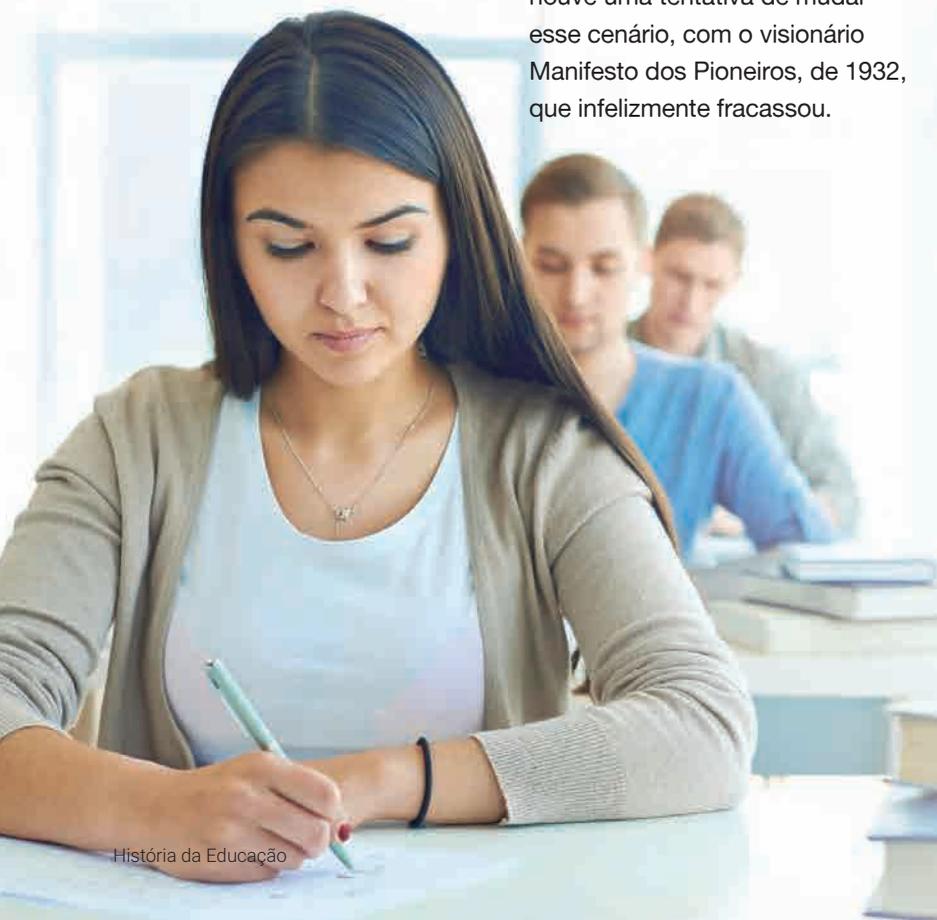
*Alice Ribeiro, Secretária-executiva do Movimento pela Base Nacional Comum*

em todos os níveis e modalidades de ensino, algo que foi reforçado, na década seguinte, pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Foi iniciado, então, um ciclo de transformações inédito no Brasil, pois o país, desde a independência, nunca havia conseguido colocar a educação no centro da agenda pública. Já houve uma tentativa de mudar esse cenário, com o visionário Manifesto dos Pioneiros, de 1932, que infelizmente fracassou.

Segundo o ex-ministro Paulo Renato Souza, que ao lado do então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a LDB que vigora até hoje, “o mais interessante da Lei de Diretrizes e Bases é que ela não é detalhista, ela dá muita liberdade para as escolas, para os sistemas de ensino dos municípios e dos estados, fixando normas gerais. Acho que é realmente uma lei exemplar”, enfatiza.

Investimento na educação, tanto para os alunos quanto para os professores, é fundamental para que se obtenha um melhor ensino. Por isso, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) atende toda a educação básica, da creche ao Ensino Médio. É um importante compromisso da união com a educação básica, na medida em que aumenta em dez vezes o volume anual dos recursos federais. Além disso, materializa a visão sistêmica da educação, pois financia todas as etapas do ensino básico e reserva recursos para os programas direcionados a jovens e adultos.

Sua estratégia é distribuir os recursos pelo país, levando em consideração o desenvolvimento social e econômico das regiões. A complementação do dinheiro aplicado pela união é direcionada aos pontos nos quais o investimento por aluno seja inferior ao valor mínimo fixado para cada ano. Ou seja, o Fundeb tem como principal objetivo promover a redistribuição dos recursos vinculados à educação.



## Educação: um direito de todos

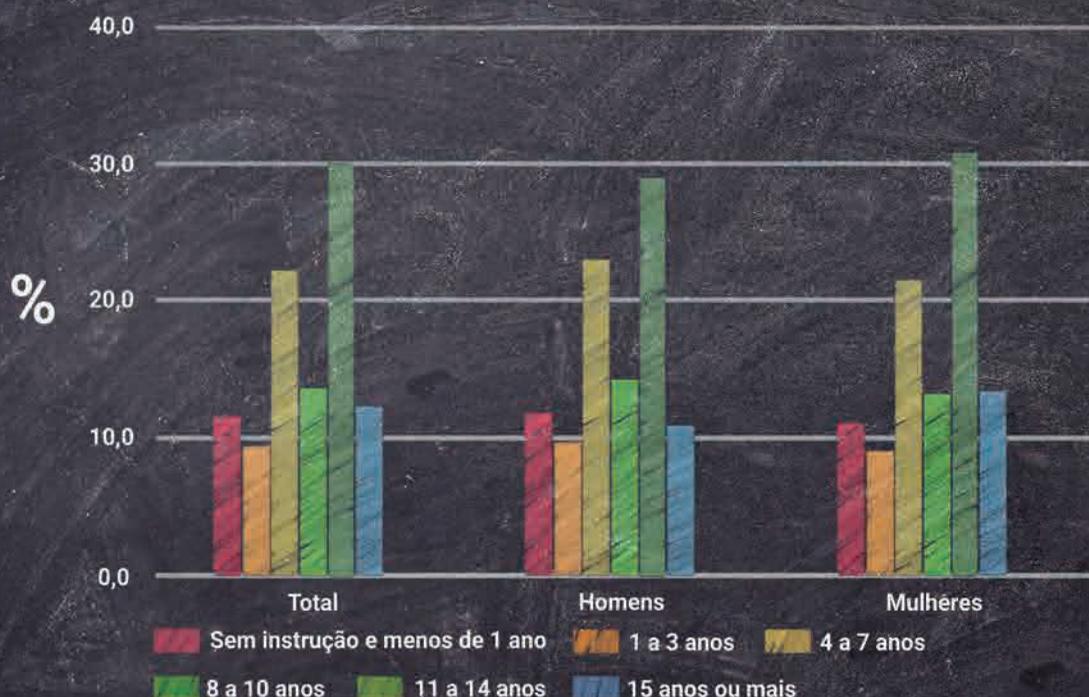
Que a Educação é um direito de todos nós já sabemos, mas você sabia que ainda há uma grande porcentagem de crianças que não estão na escola devido a questões financeiras? Em muitas regiões do Brasil, elas trabalham para ajudar no sustento da casa e, por isso, não recebem incentivo familiar para se dedicarem aos estudos. De acordo com a Constituição de 1988, todas as crianças têm direito à igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, que deve garantir o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, além do respeito à liberdade. Essa fase decretada há quase 30 anos significou uma grande mudança no quadro legal da política educacional brasileira, pois, pela primeira vez na história, ela se tornou efetivamente um direito, de modo que cabe ao estado garantir, de forma obrigatória, o ensino das crianças de sete a 14 anos.

Segundo o IBGE a Educação é mais um dos temas investigados pela Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílios (Pnad). A investigação deste tema capta anualmente um conjunto de características sobre a escolarização alcançada pela população e, em especial, sobre os estudantes, o que permite acompanhar ao longo do tempo a situação do analfabetismo e da escolarização no País, assim como do nível de educação da população.

No período de 2007 a 2014 foi mantida a tendência de declínio das taxas de analfabetismo e de crescimento dos índices de escolarização do grupo etário de 6 a 14 anos e do nível de educação da população. O diferencial por sexo persistiu em favor da população feminina. O nível de instrução cresceu neste período, sendo que o grupo de pessoas com pelo menos 11 anos de estudo, na população de 25 anos ou mais de idade, passou de 33,6% para 42,5%. O nível de instrução feminino manteve-se mais elevado que o masculino. Em 2014, no contingente de 25 anos ou mais de idade, a parcela com pelo menos 11 anos de estudo representava 40,3% para os homens e 44,5%, para as mulheres.

Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por sexo, segundo os grupos de anos de estudo – Brasil – 2014



## Metas, bandeiras e atitudes

Já o Todos Pela Educação, fundado em 2006, é um movimento que tem como missão contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o país assegure a todas as crianças e jovens o direito a Educação Básica de qualidade. O intuito é ajudar a propiciar as condições de acesso, de alfabetização e de sucesso escolar, a ampliação de recursos investidos na Educação Básica e a melhoria na gestão desses recursos. Esse objetivo foi traduzido em 5 Metas. Ainda que não expressem tudo o que se precisa conquistar na Educação pública, elas representam de forma clara e objetiva o que efetivamente se pretende alcançar para mudar de patamar e efetivar os principais direitos educacionais dos alunos. São elas:

**Meta 1:** Toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola

**Meta 2:** Toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos

**Meta 3:** Todo aluno com aprendizado adequado ao seu ano

**Meta 4:** Todo jovem com Ensino Médio concluído até os 19 anos

**Meta 5:** Investimento em Educação ampliado e bem gerido

## Fazer acontecer é a grande diferença



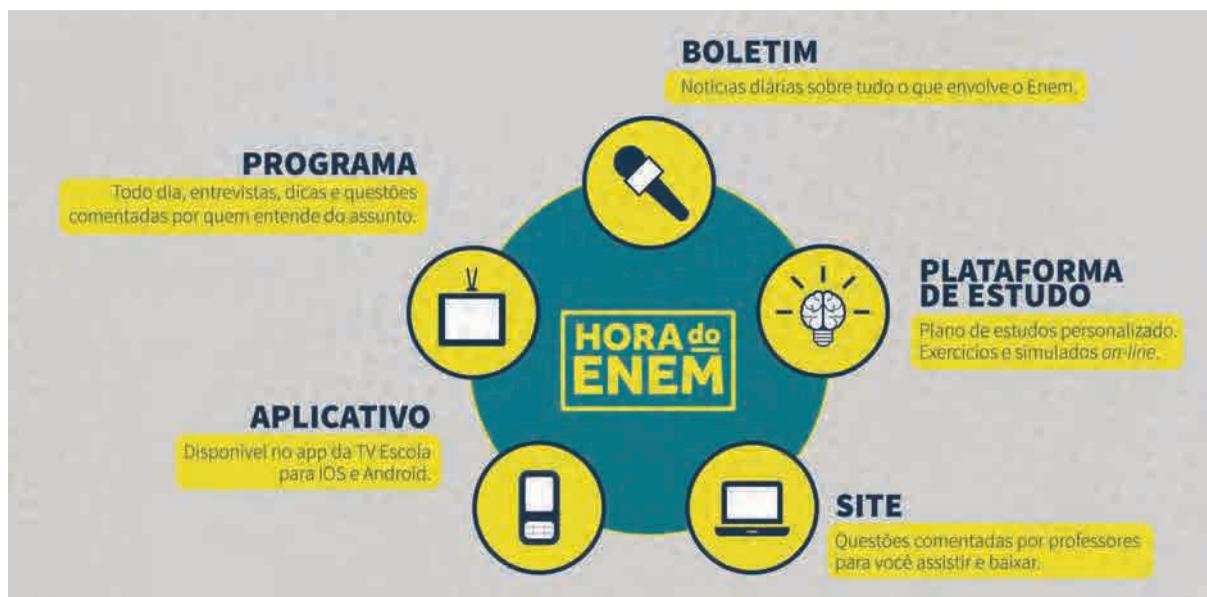
A educação brasileira alcançou, sim, importantes conquistas nos últimos 100 anos, século em que praticamente se universalizou o acesso ao ensino básico. O impacto desse fato, porém, ainda

não é plenamente sentido, uma vez que, apesar do acesso às escolas ter aumentado nas últimas décadas, é premente elevar a qualidade da educação oferecida. De acordo com **Maria Sueli Periotto**, Superintendente da Rede de Ensino da Legião da Boa Vontade (LBV) e doutoranda em Educação, “essa meta exige não somente o fortalecimento das instituições, redes e comunidades educativas,

mas também a reflexão acerca dos próprios conteúdos priorizados na construção dos currículos escolares, como ponto de partida”, enfatiza.

Muitos esforços têm sido realizados pelas instituições educacionais nesse sentido. Nas escolas que seguem a linha pedagógica da LBV, situadas em diferentes regiões do país e no exterior, e ainda voltadas a famílias socialmente vulneráveis, resultados promissores têm sido alcançados. É o que definiu o educador Paiva Netto, diretor-presidente da LBV e idealizador desta proposta educacional, em mensagem às delegações presentes em conferência da ONU: “Passos importantes foram empreendidos e conquistados; porém, resta muito a fazer para que possamos vivenciar a cidadania concedida a nós pela vida em comunidade solidária global, a qual costumo dar o nome de Cidadania Ecumênica”.

# Enem: um novo caminho de conhecimentos



<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/img/photo/1459431268655.jpg>

O acesso às universidades teve uma explosão de calouros na primeira metade dos anos 2000. O Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), oferecido anualmente aos estudantes que estão concluindo ou que já concluíram o Ensino Médio em anos anteriores, tem como objetivo possibilitar uma referência para autoavaliação, a partir das competências e habilidades que estruturam o exame.

Em Porto Alegre/RS há um grande exemplo de ensino com qualidade para a educação popular. O Peac, como é tradicionalmente chamado o Projeto Educacional Alternativa Cidadã, é voltado à comunidade, tendo como sua principal atuação os cursos pré-vestibular. Atualmente, o projeto está com três turmas que se preparam para prestar o almejado concurso com cerca de 70 alunos cada e 62 professores lecionando, todos estudantes da graduação ou da pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para o coordenador do projeto, José Humberto Martins Borges, o Peac trabalha pela inclusão social. “Nossa luta se dá pelo acesso e permanência no ensino superior. Ela não é para que todos pensem da mesma forma e, sim, para que todos possam exercer sua cidadania plena”, enfatiza.

Um outro movimento agregador para a melhoria do ensino aprendizagem foi a chegada dos computadores em sala de aula, *e-books* como ferramenta de ensino, os muitos aplicativos educa-



cionais e a modalidade de Ensino a Distância (EAD). O Mestre em Ensino **Cleber Mena Leão Junior** faz uma ressalva e acrescenta também os *games* como contribuintes dessa conquista. Com essa inovação tecnológica os professores

de Educação Física na escola podem trabalhar com os conteúdos: Jogos, Lutas, Esportes, Ginásticas e Danças. “Antigamente, o polegar e o indicador davam vida ao jogo. Com a criação desses videogames, o corpo como um todo é quem comanda as ações. Essa nova configuração, além de ensinar determinados conteúdos, motiva os alunos para a prática de atividades fora do mundo virtual”, define



Cleber sobre o “impacto da tecnologia” gerado na sociedade.

Em outro ponto de vista, contação de história, atualmente, é mais uma das conquistas da educação, defende o ator **Almir Prawucki**, que também é

ativista cultural, social e humanitário. Sua posição se dá através do pensamento de que vivemos em um mundo onde todas as áreas do saber e suas tecnologias avan-



çam em *gigabytes* de velocidade e que isso pode causar danos nas relações interpessoais. O sociólogo polonês **Zygmunt Bauman** idealiza a “modernidade líquida” em menção à contemporaneidade (à lógica do agora), pois tem por hipótese que as relações entre seres humanos são porosas, frágeis e evaporam.

Contar histórias para uma criança é fundamental para estimular o desenvolvimento intelectual, formando adultos conscientes. “Através dessa prática, não há restrições, posso me aproximar dos pequenos em instantes, falar sobre temas importantes, delicados e ali deixar uma mensagem, aguçar os sentidos, ampliar o conhecimento de mundo (culturas, povos, hábitos, costumes, crenças), instigar o pensamento reflexivo e melhorar o relacionamento interpessoal, entre outros benefícios”, ressalta o conta-



dor de histórias.

Para o Mestre em Ciências da Comunicação **Denis Gerson Simões**, “o século é da multiplicidade de olhares”. Segundo Denis, passadas décadas, ainda há educadores que utilizam recursos antiquados, como o do Homem do Saco, que passa e leva as

crianças que não se comportaram. “A grande diferença no ensino dos séculos XIX e XX é que se chega no XXI com uma pluralidade de outras opções de aprender. Por mais que haja computadores, telas modernas e tecnologias avançadas, o comportamento do ser humano não depende da máquina, mas do próprio homem com suas metodologias”, analisa Denis.

Os desafios postos à educação brasileira, no entanto, ainda são imensos. Eles estão vinculados à atratividade da carreira do professor, à qualidade do capital humano presente na política educacional, à construção de um modelo de gestão escolar e de redes bem-sucedidas, à cooperação entre os entes federativos, à invenção de uma escola diferente e adaptada ao século XXI, ao maior interesse e mobilização da sociedade e, primordialmente, à opção pela educação como principal mecanismo para reduzir as desigualdades históricas do país e produzir uma sociedade mais justa.

■ Por *Antônia Lúcia* e *Richard Günter*

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra”

Anísio Teixeira

# VERBOS DE LIGAÇÃO: ENTENDER PRA NÃO CAIR NA ARMADILHA



Por Sandro Gomes\*

Normalmente os alunos no ensino fundamental, ao aprenderem os Verbos de Ligação, são apresentados a uma certa “listinha”, que em tese facilita o reconhecimento de uma oração, no caso aquela com estrutura sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito. De um modo geral estão entre eles: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, andar...* Mas, como em tudo que envolve o estudo da Língua Portuguesa, não há fórmula pronta ou “macete” infalível. O melhor é compreender como funciona o chamado *Verbo de Ligação*. Para isso é um bom recurso compará-lo com outro tipo de verbo, os chamados *significativos* ou *nocionais*. Acompanhe o exemplo:

*Meu tio recebeu um comunicado.*

Nessa oração o verbo *receber* ocupa uma posição fundamental para o entendimento do sentido. Sem ele, como saber se o sujeito (o tio) *recebeu, emitiu, esqueceu, decifrou* (ou sabe-se lá que mais) o comunicado? Agora comparamos com outro exemplo.

*A menina parecia assustada.*

Agora, imagine que substituíssemos o verbo *parecer* por outro daquela “listinha”.

*A menina estava assustada, ficava assustada, permanecia assustada...* Como se pode ver, apesar de usarmos verbos diferentes, a ideia básica foi preservada. Isso quer dizer que o elemento fundamental para o entendimento não era o verbo, mas o adjetivo *assustada*, que sintaticamente faz a função de predicativo do sujeito.

Os *Verbos de Ligação*, portanto, podem ser definidos como aqueles que indicam estado e não ações, recebendo esse nome porque funcionam como elo entre o sujeito e uma característica a ele atribuída.

Ajuda muito a entender como funciona um *Verbo de Ligação* observar o Predicativo do Sujeito,

cuja função nas orações é justamente a de modificar, qualificando ou adjetivando, o sujeito. Veja:

*Os idosos continuam indispostos.*

Repare que o adjetivo *indispostos* qualifica ou informa sobre o substantivo *idosos*. Se nos fixarmos apenas nessas duas palavras, já poderemos perceber a relação entre elas, não sendo tão relevante se os idosos *estão indispostos*, ou se *permanecem indispostos*, ou se *ficam indispostos*, ou se *andam indispostos* etc. O verbo nesse caso serve para apontar o caráter de oração, já que necessariamente se precisa caracterizar uma ação. Note também que em outras construções que não expressam ação essa relação entre substantivo e adjetivo aparece com clareza. Acompanhe:

*Que idosos indispostos!* (sentença sem verbo)  
ou

*Os idosos indispostos* são um problema. (sujeito + adjunto adnominal)

Mas então qual é o problema de usar a famosa “listinha” dos *Verbos de Ligação*? A armadilha é que, mesmo podendo figurar como verbos, digamos, de “sentido fraco”, alguns da listinha também desempenham funções de verbos significativos:

*Ela continuou triste.* (v. de ligação)

*Apesar dos avisos, ele continuou.* (intransitivo)  
ou

*Ela andou nervosa.* (v. de ligação)

*Ele andou muitos quilômetros.* (transitivo).

Assim, a melhor maneira de saber se um verbo é de ligação é analisando o contexto frasal. A lista pode até ajudar mas não resolve todas as situações. Até a próxima, pessoal!

---

\*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Colunista do *blog* da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.



Saúde

# VEM CHEGANDO O V

Com a chegada da estação, a transmissão pode ocorrer co



# VERÃO... E A DENGUE



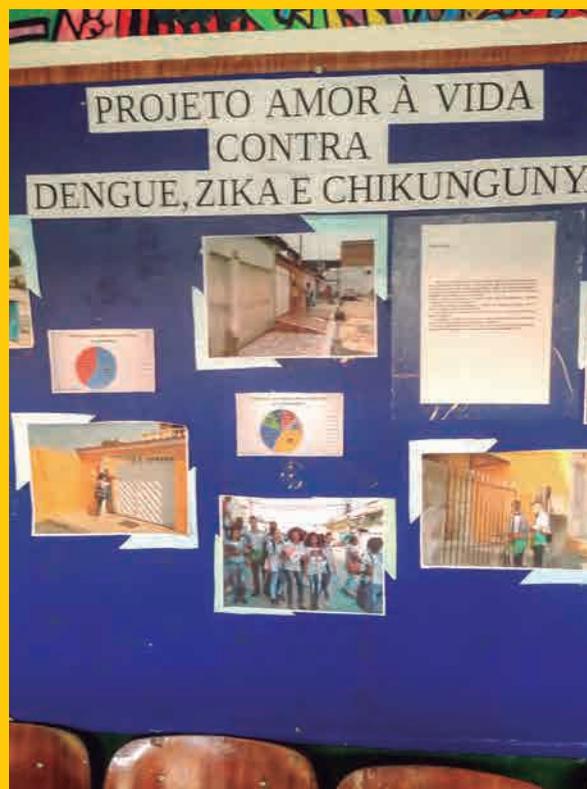
em maior intensidade

**A** dengue é uma doença viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. No Brasil, foi identificada pela primeira vez em 1986. Estima-se que 50 milhões de casos dessa enfermidade ocorram anualmente no mundo. Com a chegada do verão, é preciso ficar ainda mais atento. Pensando nisso, o Colégio Estadual Nova Alvorada, localizado em Belford Roxo, criou um projeto sobre dengue, zika e chikungunya. O objetivo é trabalhar junto à comunidade escolar esclarecendo sobre o vetor e a doença, que vem causando vários casos de microcefalia em crianças e algumas mortes, além de contribuir para a preservação da saúde, incentivando atitudes de prevenção, a fim de evitar a proliferação do mosquito.

O projeto, desenvolvido durante o 2º bimestre com as turmas 3.001 e 3.002, foi elaborado pela diretora Magali Cardozo e pelas professoras Kátia Regina Marins, de Biologia, e Daniella Gil, de Matemática. “Mediante o projeto desenvolvido possibilitamos aos alunos oportunidades para que modifiquem atitudes e práticas, através da utilização do conhecimento sobre o meio ambiente, adotando posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas na sociedade”, afirma a diretora.

Para dar início ao projeto, foi feito um estudo com características do local em torno da escola. Através dele, notou-se que o bairro Santo Antônio da Prata possui características peculiares. “Ele apresenta diversos lixões a céu aberto, com deficiência de saneamento básico. A maioria de seus moradores é pertencente às classes menos favorecidas e está mais exposta às contaminações de doenças causadas pelos vetores carregadores de microrganismos que frequentemente afetam as pessoas, como são os casos de dengue, zika, chikungunya, entre outros”, explicam as idealizadoras do projeto.

Com essas informações, alunos e professores chegaram à conclusão de que algumas ações são fundamentais e podem ser tomadas de imediato. Entre elas:



*Os resultados e pesquisas feitas ao longo do projeto foram expostos em gráficos e/ou tabelas*

### **Ações que evitam a disseminação do vírus transmissor da doença**

- Armazenar lixo em sacos plásticos fechados
- Manter a caixa d'água completamente vedada
- Não deixar água acumulada em calhas e coletores de águas pluviais
- Recolher recipientes que possam ser reservatórios de água parada, como garrafas, galões, baldes e pneus, conservando-os guardados e/ou tampados
- Encher com areia os pratinhos dos vasos de plantas
- Tratar água de piscinas e espelhos d'água com cloro

Além dessas informações, os alunos e professores envolvidos com o projeto levantaram outras extremamente pertinentes, como, por

exemplo, os municípios da Baixada Fluminense que apresentaram estratos classificados como em risco, por região:

### Municípios da Baixada Fluminense que apresentaram risco

**Duque de Caxias** (54 estratos: 13 satisfatórios, 38 em alerta e 3 em risco)

**Belford Roxo** (29 estratos: 20 satisfatórios, 8 em alerta e 1 em risco)

**Nova Iguaçu** (43 estratos: 20 satisfatórios, 21 em alerta e 2 em risco)

**Itaguaí** (8 estratos: 0 satisfatório, 5 em alerta e 3 em risco)

**Mesquita** (7 estratos: 5 satisfatórios, 1 em alerta e 1 em risco)

**Queimados** (10 estratos: 3 satisfatórios, 6 em alerta e 1 em risco)

**São João de Meriti** (26 estratos: 14 satisfatórios, 10 em alerta e 2 em risco)



*Para conscientizar a comunidade escolar e do entorno, o grupo utilizou recursos como vídeos sobre a doença e como evitá-la, leitura de noticiários, pesquisa na internet sobre a microcefalia e entrevista com a população da comunidade*

Para conscientizar a comunidade escolar e do entorno, sobre a contribuição de cada um na prevenção da dengue, zika e chikungunya, o grupo utilizou recursos como vídeos sobre a doença e como evitá-la, leitura de noticiários, pesquisa na internet sobre a microcefalia e entrevista com a população da comunidade, cujos resultados foram expostos em gráficos e/ou tabelas.

Entre o período de abril e maio, foram visitados pelos alunos 60 domicílios, sob a orientação dos professores da unidade escolar, sendo que apenas em 40 deles foram encontradas pessoas para responder a pesquisa de campo. Foram observados ambientes propícios para proliferação de vetores que causam patologias nos indivíduos que vivem no local e distribuídos folhetos explicativos e informativos sobre as doenças. Durante a pesquisa observou-se também a ocorrência de 80% de pessoas acometidas por doenças causadas pelo mosquito *Aedes aegypti*. Além disso, foi constatado que 82% de familiares das pessoas entrevistadas foram contaminadas pelas doenças pesquisadas.

A aluna Franciene de Paula, da turma 3.002, conta que ficou muito feliz com a postura da instituição e com a sua participação no projeto. “Eu moro perto da escola e percebi o quanto os moradores estão sofrendo com essas doenças, fomos bem recebidos em cada residência. Me senti muito útil”, relata. O colega Igor Alves Honório, da turma 3.001, também gostou muito de participar. “Principalmente porque a minha avó estava com zika e não sabia. Foi depois que eu assisti a palestra feita pela professora de Biologia que percebi isso. O fato foi confirmado pelo exame feito no posto de saúde. É por isso que eu adoro a minha escola!”, enaltece o estudante.

A professora Kátia ressalta que nem sempre é possível trabalhar com projetos que requerem desdobramento de tema relevante para a sociedade. “Essa iniciativa pode ser limitada quando a escola não possui recursos, não apoia essas práticas ou mesmo pelo tempo que leva para ser planejado. No entanto, os diretores e o corpo pedagógico deram todo o apoio para o desenvolvimento e a concretização do projeto. Pode-se dizer que a atividade prática escolhida para a realização do trabalho causou empolgação, despertou a curiosidade dos alunos, levando-os a participar integralmente do que foi proposto”, finaliza a educadora.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Colégio Estadual Nova Alvorada**

Rua 1º de Janeiro, s/nº – Centro – Belford Roxo/RJ

**CEP:** 26130-320

**Tel.:** (21) 2761-9109

**E-mail:** novalvorada@gmail.com

Fotos cedidas pela escola



*História*

# UM PASSEIO PELO BRASIL NUMA FEIRA CULTURAL

---

## Comunidade escolar debate sobre a diversidade cultural das regiões em seus muitos aspectos, com objetivo de quebrar paradigmas e aproximar povos

---

**C**onhecer o Brasil tendo parcela de sua rica diversidade étnico-cultural ressignificada em apresentações lúdicas e prazerosas. Esta é a proposta da Feira do Conhecimento do Centro Educacional Luciete Manhães, que teve como tema geral “Celm passeando por um Brasil bem brasileiro”. Durante todo o dia, a escola, localizada no bairro de Santa Isabel, no município de São Gonçalo, era um só burburinho: turmas da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental se revezavam para mostrar o teor das pesquisas desenvolvidas ao longo de um bimestre. Todos queriam revelar sua melhor *performance*, apresentar os resultados de suas pesquisas, oferecer ao público não só os quitutes para degustação, mas também informar a gênese daquela iguaria.

O corre-corre das crianças puxando os pais e amigos para que vissem os trabalhos de sua turma era constante. O burburinho diminuía quando a mestre de cerimônias, a coordenadora pedagógica Márcia Brito, anunciava as atrações. “Comemorar a rica diversidade cultural nesta viagem pelo Brasil deve ser enaltecido, pois nosso país é maravilhoso. Não podemos deixar de lembrar disso”.

Para Luciete Manhães, diretora-geral do Celm, as expectativas foram alcançadas. Mais do que fazer com que os alunos assimilem conteúdos, o importante é que entendam que há um processo em andamento e que a sua família também participa deste momento de aprendizagem. “Não consigo pensar em educação sem as pessoas mais próximas colaborando conosco numa parceria. E os estandes, a vivacidade das crianças na realização de cada etapa do trabalho demonstra que estamos no caminho certo, o do fortalecimento da interação com a família”, afirmou Luciete, ao acrescentar que há alunos que são filhos de ex-alunos, assim como docentes que também se formaram na escola. O que demonstra, a seu ver, que a metodologia que vem desenvolvendo há décadas tem se mostrado exitosa, mas mesmo assim passando constantemente por aperfeiçoamento, já que nada é estático.

Para esta edição da Feira do Conhecimento, Luciete decidiu ampliar as parcerias e trouxe personalidades para falar de outras culturas também brasileiras, para além do que está nos livros. Foi o que ocorreu com a família indígena Ticuna, que deu uma palestra para os alunos. Com vestes e pinturas

**“Não consigo pensar em educação sem as pessoas mais próximas participando conosco numa parceria. E os estandes, a vivacidade das crianças na realização de cada etapa do trabalho demonstra que estamos no caminho certo, o do fortalecimento da interação com a família”**

**Luciete Manhães**

tradicionais, Lukas Mílio, Carla e Carlos Ticuna conversaram com a garotada. Ticuna e Mariana são técnicos de enfermagem, enquanto Carlos faz teologia. A abordagem foi sobre tradições, curiosidades sobre o idioma, o respeito e a preocupação com o meio ambiente. Apesar do sotaque carregado, Lukas mostrou total desenvoltura com as crianças, e muita paciência ao responder as perguntas apressadas. “Estou acostumado a falar em colégios. É sempre muito bom, pois os pequenos são curiosos em conhecer a história de nosso povo”, salientou.

Outro grupo também bastante aplaudido foram os capoeiristas do Mestre Brawm, da Associação de Capoeira Ginga Gonçalves de Santa Isabel. Essa prática poderia estar

incluída em várias regiões, pois o negro foi levado para todos os estados brasileiros. Mas, neste evento pedagógico, ela esteve representada na região Nordeste, precisamente na Bahia.

A professora Aline do Amaral, do 4º ano, trabalhou com a Região Norte, com as turmas da manhã e da tarde. Ela desenvolveu discussões com os alunos utilizando-se de referências bibliográficas sobre os estados desta região nas áreas de história, cultura e geografia. Segundo a professora, uma das dificuldades encontradas pelos estudantes foi relacionar as capitais aos estados. Mas a insistência na pesquisa, a ampliação dos debates, as dúvidas foram sendo eliminadas paulatinamente. Cartazes, redações e maquetes foram as principais produções



*Os estudantes desenvolveram elementos culturais para a apresentação de uma dança e produção artesanal*



desenvolvidas pelos estudantes além da escolha de elementos culturais para a apresentação de uma dança e produção artesanal.

Com esses critérios adotados na Feira do Conhecimento, todas as turmas teriam que extrair de suas pesquisas elementos que servissem de cenários para



O evento contou ainda com estandes, iguaria típica da região estudada para degustação do público, cartazes e maquetes



seus estandes, apresentariam uma iguaria típica da região estudada para degustação do público, produziram cartazes e maquetes/protótipos e encenaram uma atividade de expressão corporal coletiva.

Aliás, nesse último quesito, os estudantes deram um verdadeiro *show*. Como ocorreu com a mistura dos sons da região Sudeste, como o *funk carioca*. Amado ou criticado, é uma expressão cultural que as crianças e jovens reconhecem. É inevitável, é óbvio. E, portanto, é possível trabalhar com este ritmo agregando outros valores e elementos. Segundo a professora Carla Cristina da Costa Guimarães, do 1º ano, a escolha desse ritmo musical teve como base a preferência das crianças. “Eles gostam da batida, é envolvente. Estão acostumados. E, depois, temos o funk para crianças – do *Bucheça*”, disse a docente. Portanto, não houve problemas em desenvolver pesquisas usando esse estilo, a história de sua origem, os cantores, as letras, as roupas, as danças, as batidas. Este levantamento foi feito pela turma tendo somente a professora como orientadora. Para completar a salada musical de muita energia, Carla agregou à pesquisa dos alunos o universo dos acordes do samba e da bossa-nova. A inspiração do trabalho não ficava restrita à parte cultural, pois também

figurou na pesquisa a questão culinária, com um apanhado sobre os alimentos típicos e tradicionais, incluindo suas origens.

Também na região Sudeste, a professora Jéssica Oliveira, do Maternal II, desenvolveu a festa cultural *Cordão do Bola Preta*. Imagine um estande cheio de CDs com bolinhas pretas pendurados no teto. Ela fez uma contextualização histórica através da música “*Mamãe eu quero*” com uma festa em sala de aula. Trabalhou com os instrumentos musicais construídos pelas crianças, apresentou vídeos. E quando ela mostrava o bloco com adultos fantasiados de “bebês” com enormes chupetas, elas diziam “tia, eu não chupo chupeta”, ou então algum perguntava incrédulo: “Tia, esse bebê tem barba?”. E a professora explicava que era uma fantasia que tinha a ver com a música que tocavam no Carnaval. “Se no início ficavam incrédulas com aqueles adultos agindo como bebês gigantes, depois as crianças riam daquelas cenas engraçadas que eram uma forma de brincar de um determinado período”, disse a professora Jéssica.

■ Por Sandra Martins

**Centro Educacional Luciete Manhães**

Rua 26 de Outubro, 275 – Jardim Sacramento – São Gonçalo/RJ

**CEP:** 24400-000

**Tel.:** (21) 2601-6474

**E-mail:** celucietemanhaes@gmail.com

**Diretora:** Luciete Manhães

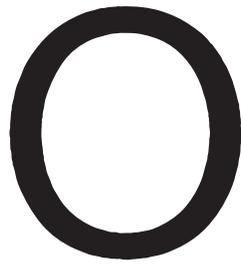
**Fotos:** Marcelo Ávila

Cidadania

# NO JOGO DA VIDA, O QUE EU QUERO SER?

Através de atividades lúdicas, projeto trabalha as relações cotidianas dos alunos





O tema juventude ainda é muito complexo. Afinal, é o período da vida do indivíduo em que as necessidades são mais urgentes e necessárias, na visão do jovem. Por isso, precisa ser debatido em todos os âmbitos sociais e tornar-se um objeto de discussão na sociedade em geral, principalmente na escola. Sabendo disso, a equipe docente do Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto, localizado em Niterói, realizou atividades com alunos do primeiro ano do Ensino Médio, com idades entre 14 e 17 anos, a fim de desenvolver aptidões para a resolução de problemas inerentes à época em que vivemos.

O professor de Química Bernardo Balado explica que o currículo escolar necessita de uma ressignificação. “Uma vez que as exigências socioemocionais do século XXI distanciam-se daquelas existentes quando foi elaborado para a educação, sendo, ainda hoje, aplicado nas escolas. Assumimos que as demandas humanas mudaram e com isso é necessário adequar as práticas de ensino e aprendizado”, completa.

Segundo ele, no colégio existe um programa de “solução para o ensino” chamado Ensino Médio de Referência. Nele existem algumas atividades que são diferenciadas para que sejam trabalhadas as aptidões dos jovens. Uma delas é chamada de “Projeto de Pesquisa” (PP), em que, no primeiro semestre, foram desenvolvidos seis temas para serem apresentados aos alunos. Entre eles: “O que a comunidade escolar curte?”, “Eu, adolescente: quem sou, afinal?” e “Que representação de escolas temos?”.



Os docentes Bernardo, Rafael Haddad (Filosofia) e Aldeni Mont Serrat (Matemática) desenvolveram o tema “No jogo da vida, o que eu quero ser?”. A pesquisa iniciou a respeito do que são valores humanos, com rodas de debate e pesquisa bibliográfica. Ainda neste tema, os educadores realizaram uma atividade em que os jovens produziram um pequeno vídeo pensando onde estariam no ano 2026, quais valores pretendem lapidar e praticar em suas vidas.

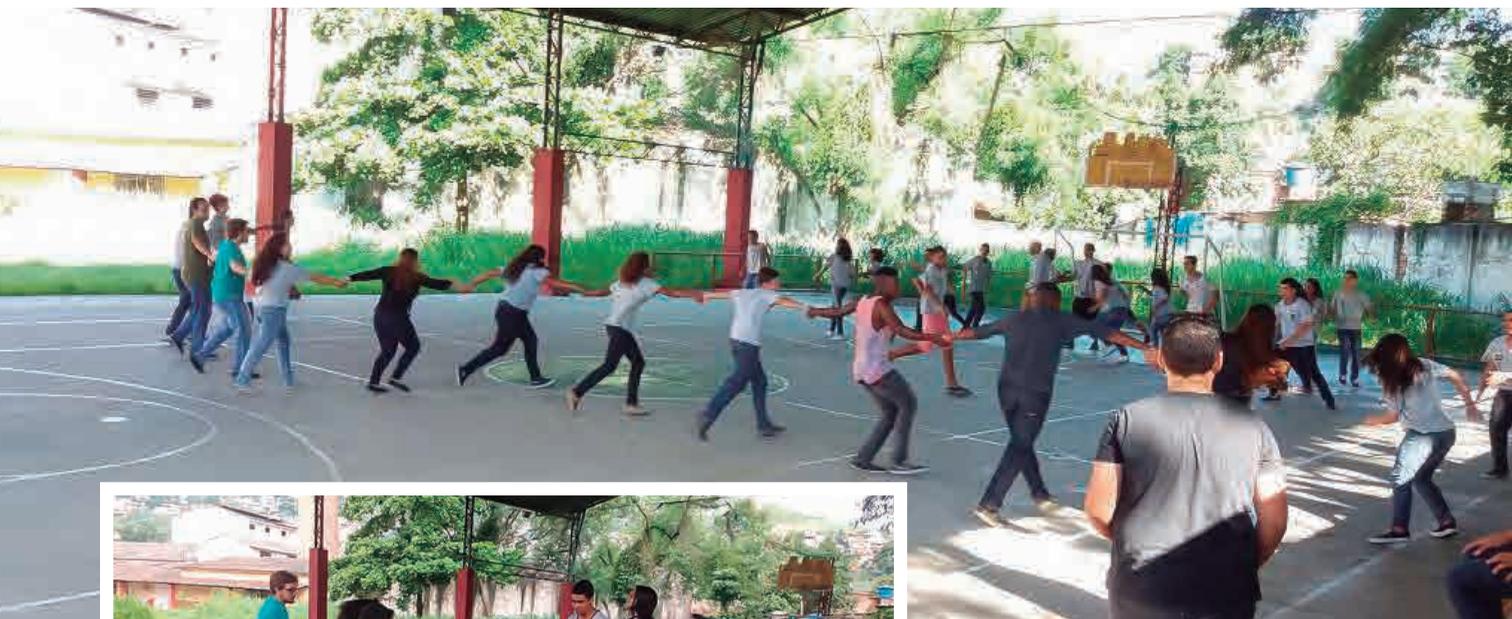
De acordo com Rafael, quando ele foi apresentado à proposta, ficou curioso e se encheu de expectativas. “Afim, era um projeto em que os alunos pudessem desenvolver habilidades necessárias para enfrentar o mundo real e não apenas o acadêmico sob a promessa de bom futuro. O desenvolvimento da atividade foi

um desafio, pois promover buscas teóricas e ensiná-los a explorar enciclopédias e dicionários foi um reaprendizado. Mesclamos dias de pesquisas com dias de práticas, momentos estes que eram ansiosamente aguardados não só pelo grupo de alunos, mas por outros estudantes, que mesmo sem querer ajudaram muito nas atividades como cobaias inconscientes”, garante.

Os professores contam que os jovens foram agentes de conhecimento buscando fontes que sustentassem suas atividades, comparando literaturas e discutindo sobre confiabilidade de materiais eletrônicos. As principais pesquisas foram realizadas buscando responder a questões como: “o que são e como são usados os jogos cooperativos?”, “jogos cooperativos no universo do trabalho” e “jogos cooperativos no universo da educação?” e também

os jogos propriamente, que foram executados e modificados para que se pudesse discutir sobre aprendizado, comunicação, organização, respeito, atenção, habilidades, companheirismo e diversos outros aspectos relativos ao indivíduo e a sua participação na sociedade. “Tivemos também a produção de livro feito pelos alunos, que descreve as atividades realizadas no projeto, bem como algumas dificuldades encontradas. Além de uma pesquisa e entrevista na comunidade escolar”, relatam os idealizadores.

Além disso, foram aplicadas as chamadas “pedagogodinâmicas”, que são atividades reflexivas sobre valores humanos. Como, por exemplo, análise de “*emoticons*”, buscando entender quais valores humanos cada desenho transmite e quais temos ao longo de toda a vida.



*Os alunos participaram de jogos para que pudessem discutir sobre aprendizado, comunicação, organização, respeito, atenção, habilidades, companheirismo e diversos outros aspectos*



*Com a participação nos jogos, os estudantes relataram uma aproximação maior entre eles e um aprendizado ainda mais proveitoso*

A culminância do projeto contou com as fotos, jogos e pesquisas, que foram organizados no *PowerPoint* para apresentar para a comunidade escolar. O aluno Vinícius Santos da Silva relata que foi muito boa a cooperação entre os colegas. “Um ajudou o outro em todas as brincadeiras, o que foi bem legal. Percebi que a colaboração com o próximo é muito importante. O projeto poderia durar mais tempo para que pudéssemos continuar a crescer. O aprendizado que tive foi muito valioso”, afirma.

O discente Willian Pontes Silva relata que o projeto também ensinou o valor de trabalhar em equipe, o que foi uma experiência nova em sua vida. “A melhor parte foram os jogos que praticamos, porque nesses, além de nos divertir, aprendemos vários valores humanos. Compreendi que os jogos cooperativos têm a intenção de unir todos os participantes”, explica.

De acordo com o professor Bernardo, o projeto foi muito importante na formação do educando como agente de sua própria história, visto que, desde a escolha do tema até a apresentação final, tudo foi pensado por eles. “O material trabalhado foi fluido e permitiu várias modificações com o objetivo de adequação ao interesse dos alunos e como meta final de um conhecimento verdadeiro. A possibilidade de descentralização em relação à figura do professor e a horizontalidade de saberes, onde todos são responsáveis pela construção coletiva do conhecimento, entendendo que cada um aprende por vias diferentes e todos

são capazes de crescimento, foi algo presente neste trabalho. Para além do conhecimento acadêmico, tradicionalmente ensinado na escola, aprender a aprender é um ponto central na formação do jovem desse novo século. A tecnologia está a todo vapor, é de suma importância saber usá-la. O papel do professor deve ser ressignificado e a capa de detentor de todo o conhecimento deve ser tirada, a função de orientador cabendo muito melhor nesses novos tempos. O perfil desse projeto passa por todas essas abordagens atuais, necessárias à educação”, garante Bernardo.

Os idealizadores do projeto ressaltam ainda que o objetivo foi alcançado. O livro eletrônico narra as pesquisas realizadas pelos alunos na busca do entendimento sobre os assuntos propostos e seus diversos desdobramentos. “No entanto, para além disso, está o desenvolvimento de habilidades e valores nos educandos, que são impossíveis de mensurar. Somente a participação em projetos como esse e a percepção de tudo o que os acompanha pode proporcionar tal fruto”, finaliza o trio.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto**

Rua Professora Emylce, s/nº – São Lourenço  
Niterói/RJ

**CEP:** 24060-011

**Tel.:** (21) 3601-1582

**E-mail:** [cebrigadeirocastrioto@educacao.rj.gov.br](mailto:cebrigadeirocastrioto@educacao.rj.gov.br)

Fotos cedidas pela escola

# RETROS- PECTIVA ATRAVÉS DO OLHAR DO ALUNO

Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental analisam notícias e destacam os fatos que na visão deles marcaram o ano de 2016



Os alunos deveriam se organizar em grupos e preparar uma apresentação reunindo os três fatos que mais repercutiram na mídia

**J**á virou tradição. Todo final de ano temos aquele momento para lembrar os acontecimentos que marcaram o ano e viraram notícia. O que já é tão comum em programas de TV e jornais virou também tema de projeto pedagógico em uma escola de Mesquita, na Baixada Fluminense. Estimulados pela professora de Geografia, alunos do 9º ano do Centro Educacional Barão de Lucena fizeram a *Retrospectiva 2016*.

O projeto teve início no primeiro bimestre e fez parte da rotina de avaliações durante todo o ano. Ao término de cada mês o estudante, individualmente, deveria selecionar ao menos um fato geográfico que marcou o Brasil ou o mundo. Na sequência, eles deveriam fazer uma pesquisa sobre o tema e enviar o resultado do trabalho para o *e-mail* da professora ou entregá-lo através de *pen drive*. O material deveria seguir as regras de formatação e organização parecidas com as que são exigidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

“Todos os anos nos deparamos com diversos problemas políticos, sociais e econômicos na nossa sociedade. São diversos conflitos, desastres, acordos de guerra e de paz abordados nos noticiários. O desafio lançado aos alunos foi de analisar e relatar no trabalho escrito as informações que eles consideravam mais importantes. A ideia é despertar nos estudantes o interesse para questões da atualidade e prepará-los para

quando precisarem fazer um TCC, o que será importante na vida acadêmica deles”, explica Tatiane da Silva, professora de Geografia e idealizadora do projeto.

Para a avaliação bimestral, os alunos deveriam se organizar em grupos e preparar uma apresentação reunindo os três fatos que mais repercutiram na mídia. Nesta etapa, foi preciso utilizar recursos multimídia, como material digital e projeção. Além disso, o trabalho deveria ser entregue impresso e encadernado para exposição no pátio da escola. No dia da apresentação, a escola recebeu os responsáveis para que eles assistissem a “Retrospectiva 2016” a partir da seleção feita pelos próprios alunos.

Assuntos relacionados a economia, política e saúde foram destacados pelos estudantes do 9º ano. Na “Retrospectiva” apareceram temas como a crise financeira do país, os escândalos de corrupção, eleições municipais, proliferação do *aedes aegypti* e conflitos internacionais. Apesar do foco do projeto ser assuntos da atualidade, o trabalho teve cunho interdisciplinar, pois foi preciso aprimorar o conhecimento em Língua Portuguesa e a utilização dos recursos de informática. Durante todo o processo os alunos receberam a assistência



*A proliferação do aedes aegypti foi um dos assuntos debatidos ao longo do projeto*

necessária, o que possibilitou a evolução e maior compreensão do que foi solicitado.

Luciane Louzada, mãe de uma das jovens envolvidas no projeto, diz que percebeu um maior interesse pelos noticiários e mudança nos hábitos de leitura da filha. Segundo ela, a menina passou a ler mais também: “É importante esse trabalho da escola voltado para ensino da Geografia com a



*No dia da apresentação, a escola recebeu os responsáveis para que eles assistissem a “Retrospectiva 2016” a partir da seleção feita pelos próprios alunos*



*Apesar de o foco do projeto ser assuntos da atualidade, o trabalho teve cunho interdisciplinar, pois foi preciso aprimorar o conhecimento em Língua Portuguesa e a utilização dos recursos de informática*

participação dos pais. Percebo que dessa forma os estudantes estão sendo preparados para a vida, pois eles crescem com maturidade e aprendem a tomar decisões conscientes”, ressalta a mãe da Maria Eduarda Louzada.

O projeto também impactou positivamente a percepção do estudante Luiz Felipe Serpa. “Depois que o projeto teve início passei a prestar mais atenção nos telejornais e percebi que a política está em todos os aspectos da nossa vida. Dei mais atenção ao que era discutido no Senado e notei que nem sempre os governantes tomam atitudes de acordo com o interesse da população”, destacou o aluno. Luiz Felipe diz também que para ele foi importante ter uma noção do que é a ABNT e saber quais são as normas exigidas para elaboração de um trabalho acadêmico.



*Na “Retrospectiva” apareceram temas como a crise financeira do país, os escândalos de corrupção, eleições municipais e conflitos internacionais*

■ *Por Marcela Figueiredo*

**Centro Educacional Barão de Lucena**

Rua Prefeito José Montes Paixão (antiga Emílio Guadany), 1.507 – Centro – Mesquita/RJ

**CEP:** 26584-021

**Tel.:** (21) 2697-7486

**E-mail:** ceblucena@yahoo.com.br

**Fotos:** Marcelo Ávila

Tema Transversal

# DIVA: ESSA SOU EU!

---

O projeto *Encontro de Meninas – identidades em debate* desperta um olhar social e um empoderamento baseado nas questões raciais e culturais



**D**iva: ‘Quero me ver!’ Sob este comando, o barulho ensurdecedor de dezenas de meninas gritando numa sala de aula parou. Rapidamente as mãos se cruzaram embaixo do queixo como se emoldurassem o rosto da Diva! Pronto. Era o momento em que todas elas, ao acatarem a ordem de Jana Guinond, se perceberam como uma “estrela”, “deusa”. O fato aconteceu durante a palestra realizada pela atriz e pedagoga no projeto *Encontro de Meninas: discutindo identidades* na Escola Municipal Professor Iramar da Costa Lima Miguel, no bairro Aimoré, em Nova Iguaçu.

“Eu me vejo nelas”, disse Jana, produtora e apresentadora do webprograma “Usando a Língua”. “Sei o que é ser uma menina negra e moradora da periferia. Ela não se vê de forma positiva pelos/nos meios de comunicação, pela sociedade e mesmo pelo próprio entorno”, contou a pedagoga apoiadora do projeto há dois anos. Com um dia inteiro de atividades diversas – dinâmicas de grupo, contação de histórias e muitos diálogos – as meninas puderam expressar questões complexas como a transformação do corpo, de menina para mulher, por exemplo. Fase difícil de mudanças físicas, emocionais, psíquicas e comportamentais. Estes e outros temas transversalizados pelas relações raciais que compõem as várias faces da formação sociopolítica e cidadã das meninas são pautados no projeto. “Atividades como essas fazem a escola ficar viva e desenvolver o que é sua vocação, de ser um espaço de transformação”, disse Florence Malvão, diretora adjunta da escola da qual foi ex-aluna. E, como tal, a gestora conhece bem esta realidade: “Sei que as mudanças existem: são sutis”.

Dois critérios sustentam a escolha pela Baixada Fluminense, segundo a coordenadora do projeto, Marize Conceição, professora da rede pública e mestre em Educação pela UFFRJ: é uma região pouco servida por trabalhos sociais e é o lugar social dos profissionais envolvidos. A iniciativa nasceu dos debates do Gestar (Grupo de Estudos e Ação Racial) de Nova Iguaçu, que trabalha através da formação de professores e ações junto às escolas com a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão no currículo escolar dos ensinos Fundamental e Médio da história e culturas negras e africanas. O público são as escolas das redes pública e privada, onde esta legislação precisa ser constantemente discutida e aplicada. O projeto é apresentado à direção e aos professores e, posteriormente, aos alunos. Durante dois ou três encontros iniciais, alguns temas são abordados para que sinalizem as futuras oficinas e palestras. Por exemplo, sexualidade, racismo, estética. Nestes casos, são oferecidas atividades sobre Moda e Etiqueta, Estética, Maquiagem, Cabelos. “Nos preocupamos em como as nossas meninas estão percebendo seu corpo.

Isso é muito sério. Aí entra o trabalho de autoestima, autovalorização e cuidado”, afirma Marize.

As meninas são o foco por apresentarem questões sérias relacionadas à baixa autoestima que tem o racismo como trama central – e que implica a negação da identidade racial da criança, do jovem. As que conseguem transpor as dificuldades básicas sofrem outros problemas na escola que não, necessariamente, relacionados à cor da pele, mas sim aos cabelos, que passam a ser o grande calcanhar de aquiles para a construção da sua identidade racial. Daí terem focado na identidade racial da menina – negra e não-negra. “Busca-se desconstruir os estereótipos trazidos dos diversos espaços sociais nos quais elas estão inseridas e que a escola reflete de maneira muito cruel”. Os problemas são de diversas esferas, desde relações interpessoais, gravidez precoce, a violência – muito presentes dentro e fora da escola –, os riscos clássicos que afetam a juventude nas comunidades pobres das periferias. Esta é a dura realidade dos colégios públicos.

A parceria é outro ponto forte da iniciativa. Profissionais de variadas áreas de conhecimento que têm um trabalho de combate ao racismo, em seus diversos segmentos de atuação. “Mesmo sendo voluntárias, elas acreditam na proposta. E isso é extremamente importante para essas meninas. E quando vemos uma Jana Guinond, atriz e pedagoga; uma Laura Astrolabio, que diz



São oferecidas atividades sobre Moda e Etiqueta, Estética, Maquiagem, Cabelos. Aí entra o trabalho de autoestima, autovalorização e cuidado



O bate-papo descontraído visou despertar o olhar social e o empoderamento baseado nas questões raciais e culturais



*A parceria é outro ponto forte, afinal profissionais de variadas áreas de conhecimento, e que atuam no combate ao racismo, participam da iniciativa*

para elas que é blogueira e também advogada, isso é muito importante, pois são referências para elas”. Assim como certamente foram marcantes as presenças da *rapper* Lisa Castro, na oficina de rima, com sua filha Laís, de 7 anos, de nome artístico Laila, que encantou a todos por sua desenvoltura e carisma.

Para Marize, o fato de as jovens se permitirem acolher este dia como específico para elas já é uma das etapas do trabalho de empoderamento. “Elas têm que compreender que

estão ali por merecerem, e não porque precisam. Ao entenderem a proposta, deixam a desconfiança de lado e se entregam. E “então elas vêm, felizes com o ‘seu dia’. Nas ocasiões subsequentes, com os comentários, as faltosas nos cobram por não terem vindo por variados motivos, mas o principal é a baixa autoestima. “Trabalhar o empoderamento é complexo, delicado e envolve questões raciais, sociais. E a escola tem que cumprir o papel, que não é só conteúdo, mas de englobar o sujeito como um todo”, concluiu Marize Conceição.

■ *Por Sandra Martins*

**Escola Municipal Professora Iramar da Costa Lima Miguel**

Rua Ana Izabel, 499 – Jardim Aimoré – Nova Iguaçu/RJ

**CEP:** 26030-000

**Tel.:** (21) 3766-4508

**E-mail:** emiramar@ig.com.br

**Coordenadora do projeto:** Marize Conceição

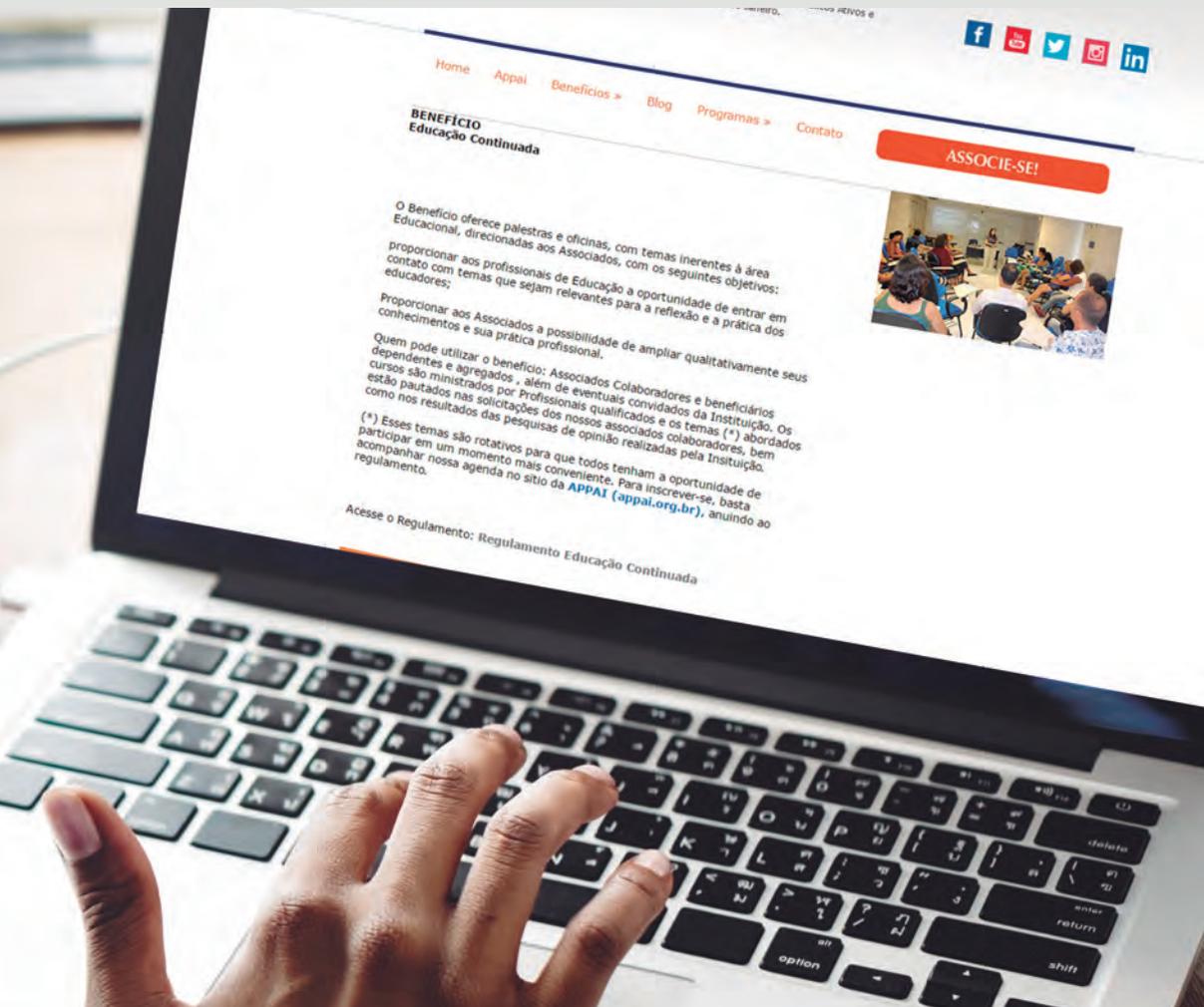
**Fotos:** Marcelo Ávila



*Matéria exclusiva da versão on-line*

# **EAD E E-LEARNING, VOCÊ SABE QUAL A DIFERENÇA?**

*Matéria exclusiva da versão on-line*



**M**

uita gente acha que o sistema *e-Learning* é o mesmo EAD, mas, na verdade, apesar de estarem ligados a um mesmo método, eles possuem características bem definidas, que nesta matéria vamos compará-las pra você entender a diferença.

O *e-Learning* é suportado pela Tecnologia da Informação, ou seja, os famosos TI's propiciam a comunicação entre pessoa e máquina, enquanto no Ensino a Distância (EAD) há presença de professores, porém não diretamente ligados aos alunos.

Ambos os sistemas são muito eficazes, além de serem uma forma econômica de aprender e se especializar. Tanto EAD como *e-Learning* trazem diversos benefícios às Instituições de Ensino e aos alunos, pois essa modalidade tecnológica está em pleno crescimento, fazendo com que haja sempre novas descobertas, além de ser uma ótima opção para quem não dispõe de tempo para se dedicar aos estudos.

Apesar da impressão de que EaD seja contemporâneo à era da Internet, o Ensino a Distância começou no século XVIII. Nessa época surgiram os primeiros cursos por correspondência e, desde então, foram apenas se adaptando às tecnologias. Telecursos, por exemplo, eram muito comuns até poucos anos atrás. Mas é claro que a internet deu ao ensino a distância outras proporções, mesmo assim, ele ainda pode ser feito via CD's, apostilas, correspondência e outros.

Em 2002, o e-Learning foi definido pelo autor Marc Rosenberg como a modalidade de ensino em que são usadas tecnologias da internet para transmitir conhecimento e melhorar desempenho. Diferente do EaD, e-Learning deve, obrigatoriamente, ser distribuído por meio de dispositivos (computadores, smartphones ou tablets) conectados à rede de internet. Essa união tecnológica torna possível armazenar, atualizar e distribuir conhecimento com mais segurança, facilidade e alcance.

As promessas de flexibilidade de horários que estas modalidades oferecem são muito atrativas, mas vale ressaltar que o aluno deve ter consciência do quanto ele realmente pode se dedicar ao curso, certificando-se de que em sua casa possui um bom lugar para estudar e que tem maturidade para acompanhar as aulas e compreender os textos.

#### • **Recapitulando:**

- **EAD:** pode ser definida como uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação.

- **e-Learning:** a informação é disponibilizada na internet, podendo ser acessada a qualquer hora e de qualquer lugar do mundo.

### Cursos e oficinas para professores

A Appai, por meio do Benefício Educação Continuada, disponibiliza cursos e oficinas para professores na modalidade EAD, baseados nos conceitos *e-Learning* e *b-Learning*, formatos que congregam uma metodologia inovadora e contemporânea, que se utiliza de um ambiente virtual de aprendizagem e complementa o processo por meio das oficinas para a prática educativa. O ambiente virtual de aprendizagem é de fácil acesso e coloca ao seu dispor, em qualquer hora e qualquer lugar, todo o conteúdo do curso, via internet. Além de dinâmico, esse modelo chamado de híbrido proporciona acesso ao conteúdo teórico (conceitos e exemplos) através de vídeos e material complementar, e, na sequência, viabiliza a vivência por meio das oficinas, que geram integração e troca de experiências entre os professores-alunos. Todas as opções de cursos da EADAPPAI você confere através do site [appai.org.br](http://appai.org.br)

■ Por Richard Günter



# SUMÁRIO

## 03 OPINIÃO

A importância das artes visuais nas escolas

Temas para a vida em qualquer disciplina escolar

## 08 ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Retrospectiva através do olhar do aluno

## 14 LÍNGUA PORTUGUESA

Marcas da oralidade

## 16 SAÚDE E TECNOLOGIA

Inteligência artificial ajuda pessoas com Alzheimer

## 21 WEB

Rolou na web

## 26 GUIA HISTÓRICO

AquaRio

## 48 HISTÓRIA

Um passeio pelo Brasil numa Feira Cultural

## 52 CIDADANIA

No jogo da vida, o que eu quero ser?

## CAPA

Presentes em mais de 10% das conversas, independente das faixas etárias, esses símbolos ou caracteres têm abocanhado um espaço cada vez maior na comunicação - Pg.: 22



### DIVA: ESSA SOU EU!

O projeto *Encontro de Meninas – identidades em debate* desperta um olhar social e um empoderamento baseado nas questões raciais e culturais



### OS PONTINHOS QUE INCLUEM

Os desafios dos professores e alunos quando o assunto é Braille



### DEM CHEGANDO O VERÃO... E A DENGUE

Com a chegada da estação, a transmissão pode ocorrer com maior intensidade



### QUAL A COR DA CORREÇÃO?

Especialistas comentam a importância de uma correção bem elaborada

# + mais apppai

**VEM  
NOVIDADE  
POR AÍ!**

Agora você  
tem mais  
uma opção  
com a **EAD**.

Nº  
**10**

# Em 2017, a EAD abre o ano com cursos e oficinas baseados nos conceitos *E-LEARNING* E *B-LEARNING*

Um espaço dinâmico para aprimorar a aprendizagem do professor a partir do ensino híbrido dos conteúdos estudados no EAD, proporcionando integração e troca de experiências entre os participantes.

Andréa Schoch, consultora em Educação da APPAI, explica que “esse modelo é também conhecido como ‘Sala Invertida’ e utiliza a seguinte lógica: o professor é estimulado a acessar o ambiente virtual para ter um conhecimento do conteúdo antes do **ENCONTRO PRESENCIAL** para realização da **OFICINA**, que contará com a presença do professor-ministrante e com os colegas.”



**EAD APPAI**  
educação continuada a distância

\* Atenção: Para participar é necessário que os interessados assistam o curso a distância que tem acesso liberado através da página do Benefício Educação Continuada, no Portal do Associado.

TODAS AS OPÇÕES DE CURSOS DA EAD E DO BENEFÍCIO EDUCAÇÃO CONTINUADA VOCÊ CONFERE ATRAVÉS DO [WWW.APPAI.ORG.BR](http://WWW.APPAI.ORG.BR)



# NÃO SÃO AS RESPOSTAS QUE MOVE



## I Encontro de Educação Appai acerca das ações que transf

Uma data para recordar. O dia 30 de novembro de 2016 marcou a realização do I Encontro de Educação Appai. Como se fosse um grande conselho de classe, mais de 200 associados e convidados discutiram sobre as ações que inspiram e transformam a aprendizagem. Apresentado pelo professor Luiz André Ferreira, da Rádio Appai, e mediado pela Mestre em educação Andréa Schoch, colunista do Blog Appai, os palestrantes foram indagados a responder perguntas desafiadoras, como: “O que vai acontecer na educação daqui a 20 anos com o avanço tecnológico?”.

De acordo com o doutor em Ciência da Informação Carlos Nepomuceno, a escola e a educação sofrerão mudanças drásticas, pois a gestão dará espaço à curadoria, ou seja, haverá uma personalização no atendimento de cada cidadão, como já acontece na Educação 3.0, tornando a teoria

da uberização escolar uma realidade. “Não haverá mais educação tradicional daqui a alguns anos, ela terá de ser adaptada para conseguir sobreviver”, diz Nepomuceno. Edilene Brito, pedagoga e coordenadora do Projeto Âncora, conta como tem funcionado na prática essa transformação que já é uma realidade, na qual os estudantes não cursam séries, mas núcleos de desenvolvimento. “A gente não teoriza, nós discutimos, porque com autonomia não se nasce, se constrói”, explica.

Wagner Siqueira, professor e membro do Conselho Regional de Administração, intensifica a importância de refletirmos sobre a geração Y. Wagner acredita que a educação terá de ser bem administrada para que a escola do futuro acompanhe a rapidez da modernidade. A jornalista Bárbara Pereira, que é mestre em educação e doutoranda em memória social, diz que sente falta da temática educacional nas coberturas de imprensa, e inclusive acredita que a faculdade de



A primeira parte do evento contou com a participação de Bárbara Pereira, Lemaestro e Carlos Nepomuceno. Na segunda parte, Waldir Romero, Wagner Siqueira, Edilene Brito e Andréa Lemos. Tudo apresentado e mediado por Luiz André Ferreira e Andréa Schoch, respectivamente.

# EM O MUNDO, SÃO AS PERGUNTAS!

Appai promove reflexão e discussão  
que transformam a aprendizagem



comunicação social deveria ser um ambiente no qual se explorasse mais a educação

Carlos Damião, idealizador do Projeto João de Barro, representado por Andréa Lemos, apresentou a metodologia adotada, que visa conscientizar toda a população quanto à necessidade da preservação do meio ambiente. Waldir Romero relatou como reverteu o quadro de degradação e violência em uma escola de São Paulo preconizando a democracia na gestão escolar. E Lemaestro, músico do projeto “Mcs pela Educação”, contou sobre sua iniciativa de levar ritmos como *funk* e *hip-hop* à comunidade com o objetivo de entreter e conscientizar sobre a importância dos estudos, ostentando boas notas e comportamento dentro da sala de aula. O evento contou ainda com a apresentação artística do comediante Gabriel Louchard. Você pode conferir a matéria na íntegra em [appairj.blogspot.com.br](http://appairj.blogspot.com.br)

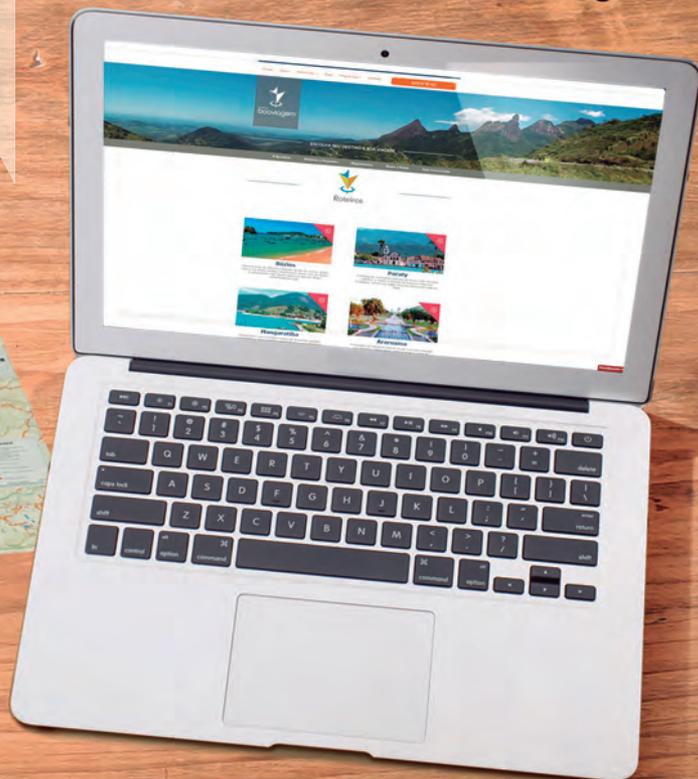


O evento reuniu mais de 250 participantes, entre associados e convidados, para refletir e discutir ações que transformam a aprendizagem.

■ Por Richard Günter

# FÉRIAS + VERÃO = ALEGRIA. APROVEITE

Escolha um dos destinos do **Benefício Boa Viagem** e aproveite para relaxar. São **mais de 10 opções** espalhadas pelo estado do **Rio de Janeiro**.



benefício  
**BOM ESPETÁCULO!**

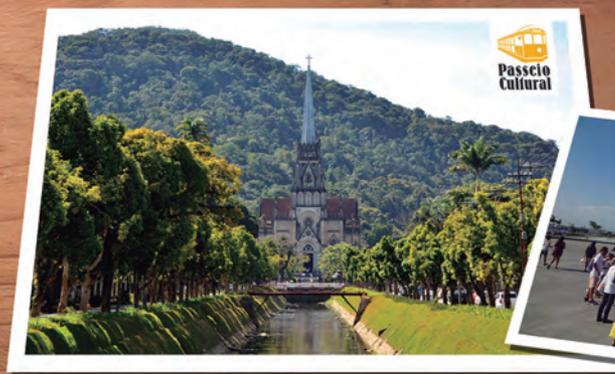
Aproveite o melhor da programação cultural com o **Benefício Bom Espetáculo**. Com ele, você tem acesso livre a diversos espetáculos teatrais.



# TE NOSSOS BENEFÍCIOS E DIVIRTA-SE!



Os melhores roteiros do Rio de Janeiro você desfruta no **Benefício Passeio Cultural**. Um encontro entre cultura e diversão com **mais de 30 opções** para você escolher.



## Dança de Salão

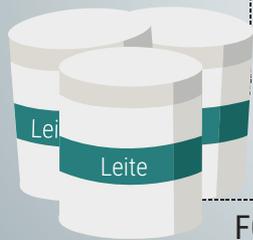
Espaços descontraídos, pessoas de todas as idades e lugar para aprender a dançar e, de quebra, fazer amigos. Encontre o **Polo de Dança mais perto de você** e entre nessa festa.



Informações: [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

# EXISTEM MUITAS FORMAS DE MUDAR O MUNDO. VOCÊ FEZ UMA DELAS!

A TODOS OS ASSOCIADOS, O NOSSO **MUITO OBRIGADO!**



FORAM QUASE **48 MIL LATAS DE LEITE** DOADAS ATRAVÉS DO *PROJETO NUTRINDO DO PPAS*.



COM AS SUAS DOAÇÕES, CONSEGUIMOS AJUDAR MAIS DE **18 MIL PESSOAS**



MAIS DE **90 INSTITUIÇÕES** ASSISTIDAS. ENTRE ELAS CRECHES, ABRIGOS, ASILOS.



\* Informações referentes ao ano de 2016.



Em **fevereiro** você tem um encontro marcado com a sua **Qualidade de Vida.**

- *Encontro Saúde 10*
- *Oficina de Psicologia*
- *Roda de Saúde*

Confira as datas oficiais em [appai.org.br](http://appai.org.br)



Em fevereiro, os circuitos e as corridas tiraram um tempinho de férias.

**VOCÊ NÃO PODE DEIXAR DE SE EXERCITAR.**

São mais de 20 opções de Polo de Treinamento. Procure aquele mais perto de você e **INSCREVA-SE!**